



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS



Diego Souza de Andrade

**O grito dos subalternos: Uma análise da obra Contos Negreiros de Marcelino
Freire**

Garanhuns – Pernambuco

2018

Diego Souza de Andrade

O grito dos subalternos: Uma análise da obra Contos Negreiros de Marcelino Freire

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura, sob a orientação das Profas. Dras. Márcia Felix da Silva Cortez e Paula Manuella Silva de Satana.

Garanhuns – Pernambuco

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

A553g Andrade, Diego Souza de
 O grito dos subalternos: uma análise da obra Contos
Negreiros de Marcelino Freire / Diego Souza de Andrade.
– 2019.
 53 f. : il.

 Orientadora: Márcia Felix da Silva Cortez.
 Coorientadora: Paula Manuella Silva de Santana.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.
 Inclui referências.

 1. Contos brasileiros 2. Personagens literários 3. Literatura
brasileira I. Cortez, Márcia Felix da Silva, orient. II. Santana,
Paula Manuella Silva de, coorient. III. Título

CDD B869.3

Diego Souza de Andrade

O grito dos subalternos: Uma análise da obra Contos Negreiros de Marcelino Freire

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Márcia Felix da Silva Cortez

(Orientadora UFRPE/UAG)

Prof. Dr.

Nilson Pereira de Carvalho

(1º Examinador UFRPE/UAG)

Profa. Dra. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque

(2ª Examinadora UFRPE/UAG)

Dedico esta monografia à minha família, fonte de amor e de força.

Dedico também à minha grande amiga que se foi deixando lembranças felizes e uma saudade apertada na garganta, Ana Patrícia Peixoto (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À minha amada mãe, Dona Maria do Socorro da Conceição, pelo amor incondicional e por sempre estar por perto me incentivando e torcendo por mim. Por sempre me dar força e me apoiar.

Ao meu irmão, Danilo pelo apoio e incentivo.

Às minhas orientadoras e amigas, Márcia Felix e Paula Manuella, pelas orientações, pela paciência, e principalmente pela força e pelo incentivo.

Aos amigos e professores do curso de letras, que contribuíram com o meu crescimento na vida acadêmica e que fizeram da nossa convivência em sala de aula um conjunto de momentos felizes e muito construtivos.

À Claudia e à Regina, que muito me ajudaram nessa caminhada longa.

Ao Marcelino, cabra bom da gota pelo total apoio, pela simpatia e pela literatura maravilhosa que ele faz.

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada. (Clarice Lispector, *Água Viva*, p. 22)

RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *Contos Negreiros*, do escritor pernambucano Marcelino Freire, sob o viés dos estudos da teórica e filósofa Gayatri Chakravorty Spivak acerca da subalternidade. Por ser baseada em textos que tracejam tons de realidade e que abordam temáticas muito vivas no cotidiano das periferias do mundo, a obra será analisada nesta pesquisa. Tendo em vista que Marcelino Freire aborda em sua obra sujeitos que são excluídos sistematicamente dos processos de representação social e econômica foi possível estabelecer um vínculo entre a teoria e a obra literária. Veremos como o sujeito subalterno fala através das personagens que nos contam sobre sua indignação e salvação. A questão da mulher posta como inferior e dependente está escancarada nas falas das personagens, o racismo imposto todos os dias, a homofobia que é bandeira fincada no pensamento da sociedade, a pedofilia que acontece diariamente sob a nossa supervisão, a xenofobia, as impunidades que foram construídas ao longo dos anos em cima das comunidades indígenas, entre outras situações aparentemente tão corriqueiras. A preocupação aqui é relacionar essas personagens literárias e suas agruras ao sujeito subalterno apontado por Spivak, ou seja, com o mundo real. Para isso, usaremos teorias de estudos pós-coloniais como a autora citada e Homi Bhabha, além de estudiosos acerca da literatura como Antônio Candido e sua teoria sobre a personagem, bem como Anatol Rosenfeld.

Palavras-chave: Literatura. Subalternidade. Personagem. Contos Negreiros

ABSTRACT

The present analyzes *Contos Negreiros*, a tale book written by Marcelino Freire, through Gayatri Chakravorty Spivak studies about subalternity. Because it is based on texts that trace tones of reality and that approach very lively themes in the daily life of the peripheries of the world, the work will be analyzed in this research. Given that Marcelino Freire approaches in his work subjects that are systematically excluded from the processes of social and economic representation, it was possible to establish a link between the theory and the literary piece. We will see how the subaltern person speaks through the characters who tell us about their indignation and salvation. The issue of women as inferior and dependent is wide open in the lines of one of the characters, the racism which is imposed every day, the homophobia that is flagged in the thought of the society, the pedophilia that happens daily under our supervision, the xenophobia, and the impunity which was built over the years on top of indigenous communities, among other seemingly commonplace situations. The concern here is to relate these literary characters and their affronts to the subordinate subject pointed out by Spivak. For that, we will use theories of postcolonial studies such as the author cited and Homi Bahba, as well as scholars about the literature such as Antônio Candido and his theory about the character and Anatol Rosenfeld.

Keywords: Literature. Subalternity. Character. Black Tales.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: LER CONTOS NEGREIROS É PRECISO, MAS VIVER NÃO É PRECISO	10
2. CAPÍTULO PRIMEIRO: MARCELINO FREIRE, POESIA QUE É DOCE MAS NÃO É MOLE: UM AUTOR ÁCIDO E URGENTE	15
3. CAPÍTULO SEGUNDO: O SUJEITO SUBALTERNO EM CONTOS NEGREIROS: AS PERSONAGENS LITERÁRIAS NO MUNDO LITERAL	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O GRITO DOS SUBALTERNOS É OUVIDO	47
REFERÊNCIAS:	51

1. INTRODUÇÃO: LER CONTOS NEGREIROS É PRECISO, MAS VIVER NÃO É PRECISO

Nesta monografia iremos elencar pontos entre a realidade e a literatura de Marcelino Freire, tendo por objetivo compreender as críticas sócio-culturais feitas a partir das falas de sujeitos excluídos. Ao longo de seus trabalhos, Marcelino Freire lida com a violência sentida pelos considerados marginais, falaremos um pouco sobre suas obras literárias, mas trataremos mais especificamente de seu livro *Contos Negreiros*. Proporemos hipóteses acerca do poder de fala de comunidades sociais excluídas, tendo como base uma vasta pesquisa bibliográfica, que reuniu autores e pensadores que problematizaram a estrutura social de países que passaram pela violência do processo de colonização, países chamados do terceiro mundo. Mundo onde as selfies imperam e o que os nossos olhos querem ver não vai muito além de espelhos dourados e futuros de sucesso emocional e financeiro.

É de extrema importância buscar perceber o outro com mais paciência, abrir mais os ouvidos e julgar menos, condenar menos. É importante ver as outras pessoas como seres humanos num mundo onde se enxerga apenas competição e bem-estar próprio. Nossa contemporaneidade nos faz caminhar sempre vendo como tirar proveito de tudo e de todos, quando deveríamos aprender a comungar com os nossos. Não mais enxergamos o mundo ao redor, não percebemos o outro. Estamos apáticos. Dentro da redoma do individualismo, onde não há espaço para empatia, embora o termo tenha sido colocado em voga ao longo das últimas décadas. Estamos ainda na caverna de Platão e o que enxergamos e ouvimos é somente um holograma sonoro de nossos próprios desejos, desejos estes que nem ao menos são originalmente nossos, mas sim oriundos de um estado de pensamento sistemática e simbolicamente construídos. Através da leitura da obra em questão, o leitor pode ser instigado a aflorar suas percepções de mundo. A literatura de Marcelino Freire nos mata para que renasçamos em outro nível de concepção. Afinal, não será mesmo como os ensinamentos cristãos afirmam desde longa data? Não será morrendo que se vive? É muito fácil ser um homem branco e pensar a vida, embranquecidamente, e agir como o modelo estabelecido demanda: como branco. Isto porque a sociedade nos empurra para o valor atribuído ao branco e *Contos Negreiros*, como o próprio título já sugere, vem enegrecer o nosso pensamento que é assombrado pelos fantasmas do colonialismo e do patriarcado até os dias atuais. Em um mundo habitado por Narcisos sanguinários é importante abraçar o outro sem hipocrisia.

Num país onde a política é uma lata de lixo revirada e escancarada ainda existem as famosas delações premiadas, acordos e mais acordos são feitos para encobrir a imundice inegável dos nossos setores políticos. Premiações são dadas aos sujeitos que decidirem contribuir com as investigações quando tais contribuições deveriam ser obrigação dos envolvidos nos escândalos e nas manobras trapaceiras que saltam diariamente, aos nossos olhos apáticos. Usamos desta mesma apatia para suportar o golpe de estado pelo qual passa nosso país, um deboche bem colocado na ponta de nosso nariz. Estamos na

segunda década do século XXI e, ainda, arrastamos reflexos ferrenhos dos tempos de Brasil Colônia, onde na mesma Bahia cantava Gregório de Matos, o grande Boca do Inferno, as desgraças e desigualdades destes homens brasileiros e destas tantas mulheres.

A literatura nos dá força e discernimento para compreender essa violência em momentos tão sombrios e perplexos. Marcelino Freire, entre *porras* e *caralhos*, escreve a palavra da salvação. Palavra salva-vidas. A poesia não está morta, pelo contrário, ela está cada dia mais viva e jorra sangue nas entrelinhas desta obra. A obra de Freire nos divide em dimensões diversas, nos deixa em estado confuso, não se sabe se estamos sonhando ou se estamos acordados. A literatura produzida por este nordestino cabra da peste é ação política. Ler esta obra e tentar perceber alguma de suas variadas nuances é, antes de tudo, um ato político. Entre tantas tensões e guerras, bombas e teorias. A informação desenfreada não pede passagem, apenas abre caminhos sortidos, derrubando qualquer um que não lhe perceba e permaneça no caminho. Analisar as obras de Marcelino Freire é alimentar o espírito de luta que há em cada um de nós, é despertar nossos cavaleiros e amazonas interiores para as guerrilhas cotidianas contra tantas vilãs sociais como o racismo e o machismo, por exemplo. É lutar contra o feminicídio, contra a pedofilia, contra a xenofobia. É resistir e enfrentar os descasos da política, de deus e do diabo. Romper com os padrões impostos diariamente, não aceitar a sujeira que se levanta acerca do povo brasileiro, dos povos do mundo inteiro. Negar-se a perpetuar a mirabolante máquina dos (pré) conceitos, dos ódios, dos medos. Jamais se cansar de sonhar e desenhar e escrever e pintar um mundo mais digno, menos mundo-tão-desigual. Persistir ainda que a luta seja árdua e que a dúvida nos assale.

Buscar a compreensão daquilo que o mundo é e que só o é porque o fazemos ser. Repensar nossas ideologias e atitudes, que aparentemente são tão sutis a ponto de se fazerem quase invisíveis. Redimirmo-nos dos nossos anos de tanta violência contra os povos indígenas e de África. São tantos conceitos entranhados em nossa cultura e em nossa forma de ver o mundo, na nossa língua, no nosso comportamento, em nosso corpo. Cultura do embranquecimento, da heteronormatividade. Cultura que nos cega e nos empurra a ferir nossos irmãos e irmãs, ainda que nos percebamos como sujeitos desconstruídos. É de grande importância permanecer numa desconstrução contínua. Ler *Contos Negreiros* nos traz a bela oportunidade de conhecer o outro para conhecer a si, de repensar nossas opiniões e de nos aprofundarmos em nós mesmos. A leitura desta obra nos permite expandir os horizontes, nos auxilia num caminho que por diversas vezes aperta o nosso coração e nos deixa solitários. Como é possível não ver tantos fatos? Jovens e velhos dormem nas ruas com frio e fome. Mulheres e crianças sofrem abusos constantes bem nossa frente o tempo todo e, no entanto, nós usamos nossa apatia como óculos de sol, mesmo quando é noite. Nunca o tiramos do rosto. Como Pôncio Pilatos lavamos nossas mãos a cada instante perante o infortúnio alheio, ignorando ou tentando ignorar a dor do outro, as necessidades do mundo, as situações tão tristes e revoltantes ao redor. *Contos Negreiros* nos impulsiona a sujar as mãos nos problemas que assombram o mundo, a dispensar essa clareza da água que lavou as mãos do

governador romano. Ler Marcelino Freire é usar o colírio da empatia, é sair da bolha do conforto e do conformismo. Domingo, televisão e cerveja. A mídia, o governo, a igreja, a escola e tantas outras instituições vivem a nos convidar pelo caminho da passividade. Ainda assim, é preciso resistir, como nos aconselha o poeta português José Régio em *Cântico Negro*:

““Vem por aqui” — dizem-me alguns com os olhos doces
 Estendendo-me os braços, e seguros
 De que seria bom que eu os ouvisse
 Quando me dizem: "vem por aqui!"
 Eu olho-os com olhos lassos,
 (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
 E cruzo os braços,
 E nunca vou por ali...
 A minha glória é esta:
 Criar desumanidades!
 Não acompanhar ninguém.
 — Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
 Com que rasguei o ventre à minha mãe
 Não, não vou por aí! Só vou por onde
 Me levam meus próprios passos...
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde
 Por que me repetis: "vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
 Redemoinhar aos ventos,
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
 A ir por aí...
 Se vim ao mundo, foi
 Só para desflorar florestas virgens,
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
 O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
 Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
 E vós amais o que é fácil!
 Eu amo o Longe e a Miragem,
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
 Tendes jardins, tendes canteiros,
 Tendes pátria, tendes tetos,
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
 Eu tenho a minha Loucura !
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
 Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
 Ninguém me peça definições!
 Ninguém me diga: "vem por aqui!"
 A minha vida é um vendaval que se soltou,
 É uma onda que se alevantou,
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou,
 Não sei para onde vou
 Sei que não vou por aí!"(Moisés 2004: 495-497)

Minha geração ainda chora as agruras de séculos passados. É tempo de reparar e lutar, de não ir por onde o conformismo nos indica ir. Ler Freire é, além de um espécime de hedonismo, um grito político. É tornar-se a própria arte, pois, quando se viu o danado, nascido no interior de Pernambuco, está falando de nós para nós mesmos. Sua literatura volta-se ao mesmo tempo para o real, o tangível do mundo e para o que há dentro do eu, numa representação violenta de medos, angústias e tantas outras emoções. Diz-se que o que diferencia nós humanos dos outros seres que habitam a terra é a capacidade de raciocinar. O que nos distingue dos homens primitivos é a nossa eloquência? Nossa chamada civilidade? Será mesmo que estamos longe de sermos primitivos? *Cantos Negreiros* nos deixa em espírito de eterno questionamento. Debruçar-se sobre esta obra é buscar liberdade, seja pela opressão que se sente por ser gay numa situação tão patriarcal. Questionar-se através de *Contos Negreiros* é buscar o que o povo francês chama de *liberté*. Liberdade seria o que divide os homens. Aristóteles afirma que há diferenças entre os homens, posto que uns nascem livres e outros escravos, por não serem donos de si próprios. *Contos Negreiros* desdiz e desmente tais afirmações embaraçosas. O ser humano há de rebelar-se contra seu carrasco e não temer as conseqüências. Por que é preciso ler Marcelino Freire? Para libertar-se. Considerado o mais influente organizador do movimento romântico na Europa, o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, em sua obra *O Contrato Social*, afirma que:

“Renunciar à sua liberdade é renunciar à sua qualidade de ser humano, aos direitos da humanidade, mesmo aos seus deveres. Não há compensação possível para alguém que renuncie a tudo. Uma tal renúncia é incompatível com a natureza do ser humano e despojar sua vontade de toda liberdade é idêntico a despojar suas ações de toda moralidade.(Rousseau, 1712,p. 15)

Sendo assim, no capítulo primeiro trataremos de expor as obras do autor Marcelino Freire e de levantar alguns detalhes de sua vida, como cidade natal, família e o percurso de sua carreira até quedar-se em São Paulo. Essas informações nos serão pertinentes, pois, podem nos ajudar a compreender melhor a escrita de Freire e os temas por ele abordados. Também iremos conhecer algumas parcerias feitas entre Freire e outros artistas de diferentes áreas, como fotógrafos, artistas plásticos e músicos, além de outros escritores e poetas. Ainda neste capítulo traremos algumas falas do próprio Marcelino Freire, retiradas de entrevistas concedidas a apresentadores de televisão, sites de vídeo, jornalistas e pesquisadores.

No capítulo segundo, teremos o ápice desta monografia. É nele que navegaremos, levando o *corpus* que, como já se disse, é a obra *Contos Negreiros* e as teorias como vela para a nossa embarcação. É neste capítulo que vamos buscar levantar questionamentos a partir da obra literária que são mais que vinculados à realidade do mundo ao redor. Para isso, traremos à baila Antônio Candido, Anatol Rosenfeld, Florestan Fernandes, Lélia Gonzales, Spivak e Hommi Bhabha, entre outros grandes pesquisadores da literatura e da sociedade. Buscaremos perceber como as camadas desfavorecidas da sociedade são capazes de falar ao ponto de serem ouvidas e vistas. Ao ponto de serem representadas na obra de Marcelino Freire.

Por fim, deixaremos à vista o quão enriquecedor foi o processo da construção desta monografia e quão importante é o espaço criado a partir da literatura, um refúgio e ao mesmo tempo uma arma mais forte que bombas atômicas ou canhões de guerra. Partindo da literatura é possível ver a si e ver o outro, ela nos serve como sítio para ser e caber, num mundo onde o egoísmo e falta de pertença são tão latentes. A literatura nos serve como suporte para desconstrução da nossa ignorância, da nossa intolerância e inércia. Serve para transformarmos o espaço em volta, mesmo quando tudo parecer difícil de mais ou, até mesmo, impossível. A dificuldade faz parte do processo de aprendizado e é como dizem por aí, rapadura é doce, mas não é mole não.

2. CAPÍTULO PRIMEIRO: MARCELINO FREIRE, POESIA QUE É DOCE MAS NÃO É MOLE: UM AUTOR ÁCIDO E URGENTE

“Eu escrevo porque sou um covarde. Não tenho coragem de pegar em armas, em fuzis. Não tenho forças para matar nenhum filho-da-puta. Escrevo para fazer esse trabalho sujo e urgente e necessário.”(Marcelino Freire em entrevista ao G1, em 22 de Junho de 2014)

Uma pele branca em terra de negros. Concretista do Sertão. Um dos maiores contistas da literatura contemporânea brasileira. Um asqueroso. Pornográfico. Inquietante. Engajado. Estes são alguns dos vários termos usados para descrever Marcelino Freire mundo a fora. O jovem escritor Marcelino Juvêncio Freire nasceu em 20 de março de 1967, em Sertânia, no alto sertão do estado de Pernambuco. O filho caçula de nove irmãos nasceu de sete meses, fato que pode ter influenciado sua agonia no juízo. Sua mãe teve 14 filhos, mas como o autor mesmo diz nas muitas entrevistas que dá por aí, apenas nove escaparam. Marcelino Freire saiu de Sertânia aos três anos de idade com seus oito irmãos porque sua mãe falecida em 2010 queria que os filhos estudassem mas a seca sertaneja muito grande não permitia boas condições para realizar a vida acadêmica dos filhos. O autor em entrevista ao programa Provoações apresentado pelo ator e diretor de teatro Antônio Abujamra afirmou que quando sua mãe morreu, morreu também um muito de si. Foi morar com sua família em Paulo Afonso, Bahia, em 1969. No entanto, as coisas também não estavam muito boas por lá e depois de seis anos voltam ao estado de Pernambuco e passam a morar na zona norte de Recife, no bairro Água Fria, colado com o estádio do time Santa Cruz, time pelo qual torce apesar de não entender muito de futebol. Inclusive podia ver o jogo pelo quintal de sua casa. Marcelino permaneceu na capital pernambucana dos oito aos vinte e quatro anos. Durante a década de 1980 começa a trabalhar como revisor de texto em bancos e ingressa no curso de Letras na Universidade Católica de Pernambuco.

Apesar de seu amor declarado pelas letras, ele não conclui o curso. Costumava revisar vários textos, que segundo Freire, ninguém lia, como rótulos de garrafas de água mineral. Ele afirma que revisor é aquele que lê dez vezes um texto que não merecia ser lido uma única vez. Em 1989, Freire participa de uma oficina literária que foi ministrada pelo escritor Raimundo Carrero. Autor que reverbera na escrita atual de Marcelino Freire. Em 13 de julho de 1991, o sertanejo leitor de Mário Quintana, passarinho que é bateu asas pra selva de pedra e, estabelecendo-se lá, criou em 2006 a Balada Literária, evento badalado que reúne escritores e artistas brasileiros e internacionais na Vila Madalena, bairro nobre situado no distrito de Pinheiros, na região oeste de São Paulo.

Em novembro de 2015 aconteceu a décima edição da Balada Literária, que fez uma homenagem à cineasta Suzana Amaral. Em 1985, a paulistana dirigiu uma adaptação do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Em 2016, o autor realizou a Balada Literária homenageando o grande Caio Fernando Abreu, autor do intenso *Morangos Mofados*, seu quarto livro de contos. Marcelino afirma que não teria saído de Recife se não tivesse ficado cansado da moleza que lhe provocava a beleza da capital pernambucana e do sol na moleira também. Segundo ele, São Paulo o deu infância e sotaque. Sotaque esse que ele afirma em cada linha de seus textos. Ele diz que São Paulo não amanhece, mas acorda e que ele precisava dessa cidade que o acorda o tempo inteiro, que o provoca o tempo todo. Por ele, teria ficado em Pernambuco falando no mesmo sotaque de todo mundo sem precisar se afirmar por muito tempo como sertanejo em meio aos erres do falar paulista e tomando suco de maracujá na beira-mar da grande Recife. As palavras a seguir foram concedidas ao escritor e jornalista do site G1, Luciano Trigo, pelo escritor Marcelino Freire.

“Meus personagens sentem no corpo a pancada, sentem na pele, dão vexame, esperneiam, gritam... O lugar da minha escrita é o lugar do grito. E o grito é todo tomado de consciência. Algo precisa ser feito, porque o peito está pedindo. É uma urgência danada. Contra tudo, contra todos. É uma vingança particular, que uma hora vira coletiva. Essa vingança é política. É como alguém que toca fogo às próprias vestes. Meus personagens pegam fogo, queimam o que está ao redor. Meu verbo é incendiário. Durma e se acorde com um barulho desses...”

Por aqui, já podemos ter uma noção mínima do que é a literatura desse autor que foi tocado, desde criança, por gigantes da literatura brasileira como João Cabral de Melo Neto e seu *Cão sem plumas* e Manuel Bandeira e *O bicho*, como ele mesmo afirma:

“Ah, o primeiro poeta que eu li foi Manuel Bandeira. Eu percebo que tem um Bandeira ali mais, a poesia dele, mais social. Quando o Bandeira fala do bicho catando comida no lixo, sobretudo, eu lembro perfeitamente quando eu li esse poema. Quando o Manuel Bandeira, no poema dele chamado ‘Momento num café’, em que ele diz que quando o enterro passou as pessoas que estavam naquele café todas pararam e saudaram e cumprimentaram aquele corpo que passava. Saudaram maquínicamente porque eles estavam absortos na vida, soltos na vida e um único desses homens que estavam no café ficou longamente vendo o cortejo. Esse compreendeu que a vida é uma agitação feroz e sem sentido e aí eu ficava olhando esses poemas do Bandeira e dizia: ‘ah, eu acho que sou aquela figura que para pra ver longamente o meu destino sendo carregado naquele caixão’. Então, o Bandeira foi a primeira pessoa que abriu assim essa visão pro outro, essa visão pro bicho catando lixo. Eu gostava da poesia trágica dele, a sombra da morte o tempo inteiro. Então, ele me abriu esse olhar pro mundo como se eu estivesse anestesiado ou se eu... o Bandeira apareceu nesse momento em que eu estava

precisando desse olhar ou precisando que alguém me acordasse. Ele me acordou e a partir do Bandeira eu fui descobrir outros poetas, outros companheiros de geração dele, né? E vai daqui, vai dali. Isso eu novo, 10 anos 11, 12 anos.” (FREIRE, entrevista concedida à Paula Santana, em 13 de Julho de 2013, Recife - PE)

A temática social pegou na mão de Marcelino Freire cedo, quando ele era ainda um menino de nove anos e, como podemos perceber em suas obras até hoje, não o largou mais. Suas personagens são pessoas que transitam na rua, as obras de Marcelino Freire são enxutas tais quais as de Graciliano Ramos, uma forte referência para a escrita de Freire. Freire é autor de livros de publicação independente. Seu primeiro foi *Acrústico* em 1995, mas Freire faz questão de recolher os exemplares que encontra por que considera a técnica usada na escrita da obra imatura e ruim. O livro era de contos e como epígrafes tinha trechos de músicas. Segue a capa:

Figura 1. Acrústico



Fonte: Ateliê Editorial

Em 1998 surge “EraOdito” livro que o autor adora e que usava dos slogans publicitários para ao mesmo tempo criticá-los, onde houve uma parceria mais que especial para des(cons)truir os sentidos comuns dos ditados populares e provérbios que foram usados para compor a obra. A obra teve sua segunda edição lançada em 2002. No sábado, 9 de abril de 2016, a Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL) realizou um entrevista com Marcelino Freire no programa de bate-papo **Segundas Intenções**. A conversa foi mediada pelo jornalista e crítico literário Manuel da Costa Pinto e publicada no site de vídeos Youtube no dia 11 de maio de 2016 pelo canal da biblioteca. Marcelino Freire conta como fazia para divulgar a obra, como por exemplo, indo à Livraria Cultura e apresentando a ideia e o intuito da obra e deixando alguns exemplares

da mesma. O livro vendeu muito bem. Sobre as vendas, já houve comparações de Marcelino Freire a Paulo Coelho pela forte vendagem no começo das carreiras. Vejamos a ilustração da capa, a seguir:

Figura 2. EraODito



Fonte: Ateliê Editorial

Indicado à editora Ateliê Editorial pelo crítico literário João Alexandre Barbosa lança “Angu de Sangue” livro de contos no ano 2000. A Ateliê Editorial foi fundada em 1995 pelo ex Diretor Editorial e Presidente da Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP e atual professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Angu de Sangue. Se retirarmos as letras S e E da palavra SANGUE teremos angu e nessa brincadeira de letras, palavras e ideias teremos Angu de Angu. A obra teve intervenção fotográfica do artista plástico pernambucano João Cabral, mais conhecido como Jobalo. Nesta obra, Marcelino contou com a participação da artista plástica Silvana Zandomeni para compor a parte gráfica. Por esta mesma editora lançou *BaléRalé* em 2003, livro pai do conto *HOMO ERECTUS* que serviu para montagem da animação dirigida e ilustrada por Rodrigo Burdman e narrada pela voz forte de Paulo Cesar Peréio. Seguem o conto e a capa da obra:

“Sabe o Homem que encontraram no gelo?
 Encontraram no gelo da Prússia? Enrolado?
 Os arqueólogos encontraram no gelo gelado da Prússia?
 Perto das colinas calcáreas da Prússia?
 O Homem feito um feto gelado, com sua vara de pesca?

Sabe o Homem que encontraram? Com seu machado de pedra?
 O Homem que tinha cabeleira intacta? A arcada dentária?
 O Homem meio macaco? Funerário? Fossilizado na encosta que o engoliu?
 No tempo perdido? Você viu?

Tetravô dos mamíferos do Brasil? O Homem vestígio?
 O Homem engolido pela terra primitiva? Da Era Quaternária, não sei?
 Secundária?
 Que caçava avestruz sem plumas? Caçava o cervo turfeiras? Javali e
 mastedonte?
 Ia aos mares fisgar celacanto? Rinoceronte?
 Sabe deste Homem?

Irmão do Homem de Piltdown?
 Primo do Homem de Neandertal?
 Do velho Cro-Magnon?
 Do Homem de Mauer? Dos Incas, até?
 Dos Filhos do Sol?
 Das tribos da Guiné?

O Homem de 100 mil anos antes de nossa era? Ou mais? Um milhão de eras?

Homem com mandíbula de chimpanzé?
 Parecido o mais terrível dos répteis carnívoros do Cretáceo?
 Um mistério maior que este mistério?
 Navegador de jacaré? Não sabe?

Homem desenterrado por acaso? Pelos viajantes, por acaso?
 Pela Paleontologia, não sabe?
 Visto nas costelas frias da Prússia, repito? Prússia renana, vá saber lá o que é
 isso?
 O Homem ressuscitado, você viu na TV?

De ossos miúdos? Esmiuçados?
 Abertos para estudo? À visita nos museus americanos?
 Como uma múmia sem roupa?
 Quase?

Flagrada como se estivesse dormindo nas profundezas do mundo oceânico?
 O Homem embrionário?
 Das origens cavernosas da Humanidade?

Sabe este Homem, não sabe?

Pintado nas cavernas da Dordonha?

Mesolítico?
 Nômade?
 Perdido?

Este Homem dava o cu para outros homens.
 E ninguém, até então, tinha nada a ver com isso.” (FREIRE, 2003)

Figura 3. BaléRalé



Fonte: Ateliê Editorial

Rasif – Mar que arrebenta que faz menção ao nome de Recife em árabe e tupi-guarani já que Pernambuco quer dizer mar que arrebenta nesta língua indígena. Temos a seguinte tradução no site Dicionário Ilustrado Tupi Guarani “**Pernambuco** – do tupi para’ña = a rio e pu’ka, – rebentar, estourar, relativo a furo ou entrada. *Rasif* lançado em 2008 foi indicado ao Prêmio Jabuti e chegou entre os finalistas, também foi indicado ao Prêmio Portugal Telecom. A seguir, a capa da obra:

Figura 4.



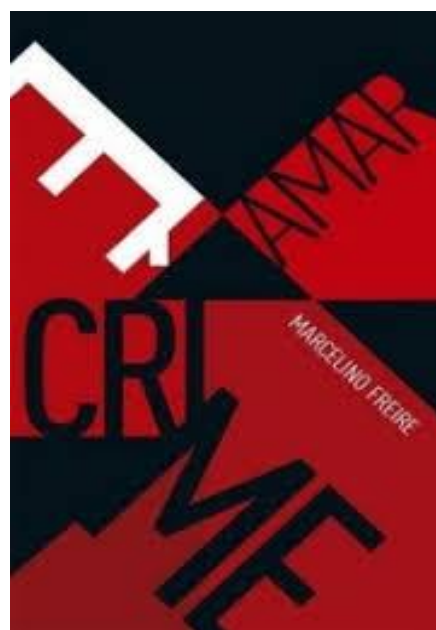
Fonte: Ateliê Editorial

Esta obra reúne dezessete contos que estão escritos em forma de poemas. A maioria dos contos foi construída com narrativa em primeira pessoa. O instinto cosmopolita do autor serve de mão de obra pra sua obra e pras suas personagens também. Nesta obra Marcelino leva o leitor à várias localidades como Recife, a capital paulista e o oriente médio. Quem faz a apresentação deste livro é o escritor ficcionista Santiago Nazarian, autor de *Mastigando Humanos*. Ele enfatiza o teor irônico e satírico da obra bem como faz questão de mencionar a sacada de humor muito bem estabelecida na obra. Características estas que são pontuais na escrita de Marcelino Freire que consegue manejar muito bem as temáticas violentas rodeadas de um certo humor sarcástico, típico de Freire. Nesta obra Freire nos dá histórias que lidam com um possível fim dos tempos. Um apocalipse do mundo liquidado atual. Essa guerra fria social que está violentamente delineada na ponta de nosso nariz. Esta tal qual outras obras de Freire é ultraviolenta, fazendo menção à *Laranja Mecânica*, romance de Anthony Burgess. Essa ultraviolência, no caso de *Rasif* é ajudada pelos desenhos/pela colaboração gráfica do escritor, artista plástico e músico Manu Maltez, cuja característica principal de seus trabalhos é a temática do fim de todas as coisas e do próprio tempo: o fim do mundo. O que ajudou a criar a atmosfera perfeita para o caos destrutivo desse mar que arrebenta. Segundo Santana (2015):

“A obra de Freire ganha corpo em um momento histórico em que a sociedade brasileira parece se habituar à democracia ainda recente e vê-se de frente à necessidade de criticar, confrontar e posicionar-se politicamente diante da realidade de violência e desigualdade. O seu texto beira o dialético, pois enfoca as assimetrias, tendo como personagens sujeitos subalternos, silenciados pela sua condição social, étnica-racial e sexual. A escrita de Freire, muitas vezes, se afasta do politicamente correto e do panfletário, na contramão do que bradam alguns críticos.” (p. 159)

Marcelino Freire faz parte do coletivo artístico EDITH, criado ao final de 2010 com Marcelino Freire e mais treze profissionais da literatura, incluindo o editor Vanderley Mendonça. Além de garimpar e premiar novos escritores e novas escritoras, o coletivo é responsável por remexer o movimento cultural em São Paulo, mobilizando o engajamento de amantes de arte e literatura. E, através deste coletivo, Freire lançou em julho de 2011, *Amar é crime: Contos de Amor e Morte ou Pequenos Romances* que reunia 19 contos e que começava já, depois da apresentação, com um poeminha de amor concreto. Poema este que é uma bela apresentação da forma gostosa de escrever que Marcelino Freire tem. Prezando pela concisão, ele constrói um poeminha cheio de rimas e cheio da falta da acentuação convencional e de brincadeiras com a língua falada e escrita, a língua e a palavra. Uma delícia de ler e uma ótima forma de entender como a língua se molda e constrói os sentidos e de compreender como a língua é simbólica. Embora uma das características principais desta obra é o fato de que os contos, tratados pelo autor como pequenos romances, são mais longos que os habituais e por isso são chamados de pequenos romances. Nesta obra, Marcelino faz uma caminhada mais longa

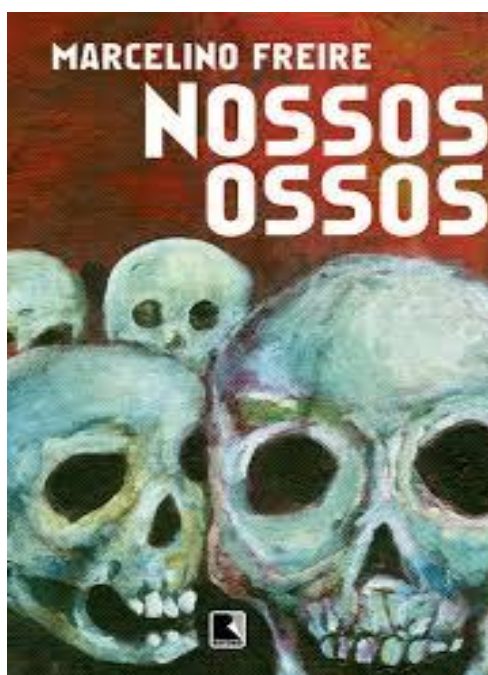
que a de costume em seus contos e o leitor pode perceber que as histórias de cada conto são mais extensas, não deixando de ser inteligível o toque idiossincrático de Freire. O enredo desta obra traz contos que lidam com o amor e a morte, com as doenças psicológicas e com a homossexualidade, entre outras temáticas. Na primeira edição desta obra, há um trecho do conto Declaração que narra a história de amor proibido entre uma menina de 13 anos e sua professora. Já na segunda edição, a parte do livro que nos dá um gostinho do que está na construção da obra é do conto União Civil. Outra diferença entre as duas edições é que a primeira edição, como já foi dito, foi lançada pelo coletivo EDITH enquanto a segunda foi distribuída pela editora Record. A primeira edição tem em sua última folha uma citação de domínio público. “ – Receba as flores que eu lhe dou. – Soque no cu que já murchou.” Essas flores, às quais se refere o sujeito que as proferiu bem podem ser as mesmas que estão na capa do livro. O sumário na primeira edição fica lá o finalzinho do livro, ao passo que na segunda edição, o sumário é logo no começo. A apresentação das duas edições é a mesma feita pelo professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo Ivan marques. Na segunda edição temos uma pré-apresentação feita carinhosamente pelo editor, colunista, entrevistador, administrador e organizador de eventos culturais. *Jorge Ialanji Filholini*. No início das duas edições temos uma epígrafe do escritor arruda. A seguir: “Ainda durmo na maca em que nos matamos o cheiro é cada vez mais forte.” Seguida da seguinte citação de uma música de domínio popular “Você diz que amar é crime Se amar é crime eu não sei não Hei de amar a cor morena Com prazer no coração.” Quando organizava esta obra, Freire acabou por ouvir Jussara Silveira, mineira que atualmente em Salvador e enquanto ouvia Jussara decide se basear na música para compor seu título *Amar é Crime*. Seguem as capas das duas edições de *Amar é crime*, na ordem de lançamento:

Figura 5. *Amar é crime*Figura 6. *Amar é crime*

Fonte: Ateliê Editorial

No fim do ano de 2013, Marcelino Freire publicou “Nossos Ossos”. Livro escrito entre as cidades Buenos Aires, capital da Argentina e Vila da Mata, em Paraty e que foi terminado, segundo uma pequena nota publicada ao fim do livro, em 30 de maio de 2013. Esta obra lhe rendeu o prêmio Machado de Assis 2014 de Melhor Romance pela Biblioteca Nacional e também foi publicada na Argentina, pela editora Adriana Hidalgo, e na França, pela editora Anacaona. “Nossos Ossos” é o primeiro livro em romance de Marcelino Freire e teve a apresentação feita por Paulo Lins e ditado por Heleno, personagem principal da obra. O livro é dividido em duas partes, Parte Um e Parte Outro, os primeiros capítulos da parte um têm seus títulos baseados em partes do corpo. Depois de cair o pano da página cento e vinte temos o fim deste romance, ou melhor, **prosa longa** como o autor e a personagem gostam de chamá-lo. Narrado e vivido pelo dramaturgo Heleno de Gusmão. *Nossos Ossos* tem uma capa provocativa e que faz jus ao nome. Temos uma capa que termina em sua parte traseira, composta por oito crânios humanos. Temos na contracapa, ou melhor, na quarta capa um trecho da obra, a seguir “O meu boy morreu, foi o que o michê veio me dizer, eu estava de passagem, levando umas compras que comprei, vindo da farmácia, não sei, em direção ao Largo do Arouche.” Vejamos a capa da obra, a seguir:

Figura 7. Nossos Ossos



Fonte: Ateliê Editorial

Mesmo sendo romance é impossível não perceber na escrita do autor o seu affair com os trejeitos do seu conto oralizado. Oralidade que serviu para a produção de uma peça de teatro com a direção de Marcondes Lima. O diretor é ainda ator e é quem se assegura de conduzir a cenografia e o figurino da peça. Ele faz parte do muito bem quisto Coletivo Angu de Teatro. Alguma coincidência aparente por conta do nome do

grupo fundado em 2003? Pois, é. No entanto, esta não foi a primeira peça baseada em alguma obra de Marcelino Freire, na verdade, é a terceira. As duas primeiras foram *Angu de Sangue e Rasif – Mar que Arrebenta*. Sobre os ensaios, disse o diretor em entrevista ao Diário de Pernambuco (2016):

“Marcelino veio duas vezes acompanhar o processo: em 2015, quando fizemos uma leitura dramatizada, e em fevereiro deste ano, para ver um ensaio. Foi muito interessante, pois não temos o autor todo dia para esclarecer coisas. Neste texto, Marcelino toca numa coisa que eu não imaginaria: a espiritualidade, o metafísico. Enquanto fábula, a peça fala do amor, da falta de amor e do abismo que se estabelece com a presença da morte.(Lima, p 01)”

Temáticas que são evidentes no primeiro romance do autor. Os capítulos desta obra parecem pequenos contos, e a prosa longa é toda feita à la João Cabral de Melo Neto e seu livro *A educação pela pedra*, de 1965. Neste livro, o recifense tem seu poema Catar Feijão publicado e neste poema trata do ato criativo do poeta, comparando a criação do poema ao ato de catar feijão, retirando as pedras e deixando o feijão bem limpo, a palavra limpa, pronta pra dentada e deleite do leitor.

“CATAR FEIJÃO

1.

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão, entra um risco:
o de entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quanto ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

João Cabral de Melo Neto”(Oliveira, 2009)

O ato de catar feijão requer perspicácia, é preciso estar atento para não acabar mordendo uma pedra e quebrando os dentes. O feijão deve ser esmiuçado por cima da mesa e cada instante do processo de catar feijão é importante, pois, uma piscadinha e, pronto, põe-se um milho podre ou palhas e sujeira na panela. Catar feijão é uma função importante para o bom preparo da refeição, todo sujeito que prepara essa iguaria sabe disso. Pois bem, João Cabral de Melo Neto, neste poema faz uma comparação mais que feliz quando põe em linha paralela o ato de catar feijão com o ato da criação literária. Por quê? Por que, como muito já se falou, Marcelino Freire é mais que adepto do “sucintismo”. Catar feijão é deixar apenas o importante, o necessário e o comestível. Então, o que seria deixar o poema em sua excelência? Cortar o desnecessário, ora. Tira-se o que bóia no poema, uma vírgula aqui, uma conjunção dali. Retira-se um adjetivo, um advérbio e *voilà!* Eis um poema, um conto, um texto. Direto. Simples, porém mágico. Há homens que não vivem sem comer um bom feijão, sem digerir uma larga porção de literatura.

São capítulos concisos, quase concretos. Por falar em concisão, no ano de 2004, Marcelino Freire motivado pelo amor aos microformatos de escrita e pela admiração pelo escritor guatemalteco Augusto Monterroso que escreveu o microconto de 37 letras mais famoso do mundo “Quando acordou o dinossauro ainda estava lá.”, organizou o livro *Os cem menores contos brasileiros do século*, com prefácio de Italo Moricano. O livro trata de contos com no máximo 50 letras e é produto da diversão que é escrever. Marcelino convocou 100 escritores para escrever contos de até 50 letras, sendo alguns deles Lygia Fagundes Teles, Dalton Trevizan, Moacyr Scliar, André Santana e Sergio Santana. A seguir a capa do livro:

Figura 8. Os cem menores contos brasileiros do século



Fonte: Ateliê Editorial

Marcelino Freire pretende lançar seu segundo romance, que se intitulará *Mulungu*, nome de uma árvore que lhe remete à infância em Paulo Afonso e que deve vir ao público através da Editora Record. Sua literatura rendeu ao autor um forte ligamento com outras áreas da arte. De seus *Contos Negreiros* surgiram vários trabalhos com a música, por exemplo. Fabiana Cozza, vencedora do prêmio de **Melhor Cantora de Samba na 23ª edição do Prêmio da Música Brasileira**, é amiga de longa data do escritor. Os dois se conheceram quando a cantora tinha apenas dezoito anos através de uma amiga em comum. Marcelino Freire foi ao aniversário de dezenove anos de Fabiana e ficou muito admirado com a apresentação musical da estudante de jornalismo à época. Marcelino Freire participou bastante na produção do trabalho de Fabiana. Depois de anos de amizade, fizeram uma apresentação intitulada **Cantos Negreiros** em Parati para o lançamento do livro *Contos Negreiros*. Enquanto Fabiana cantava, Freire lia seus textos. Após esta apresentação, receberam convites para fazê-la novamente e assim seguiram fazendo mundo a fora e fazem até hoje desde que haja a situação perfeita para o show literário. Este não é o único show que surge da participação do autor com outros artistas, seu conto *Trabalhadores do Brasil* é recitado no segundo álbum gravado em estúdio, *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa*, do rapper paulistano e ativista dos direitos humanos Emicida. A banda pernambucana vizinha da cidade do escritor Cordel do Fogo Encantado também já recitou este conto em seus shows.

Engajado como é, Freire escreveu um projeto que visava trabalhar a literatura com escritores que estivessem fora da ponte Rio de Janeiro - São Paulo. No projeto Marcelino Freire junto do fotógrafo Jorge Filholini trabalhou oficinas literárias por um ano em quinze capitais brasileiras como Porto Velho, Boa Vista, Palmas, Macapá onde o autor falou ter encontrado, e ficado surpreendido com a descoberta, muitos grupos de poesias faladas. Isso porque há grande dificuldade em publicar as poesias de forma impressa. **Quebras. QueBrasil é este?** O projeto resultou em um livro que foi distribuído pelos artistas e pelo Banco Itaú. Marcelino Freire continua trabalhando em projetos e oficinas e está sempre postando quando tem tempo suas viagens e trabalhos no entorno desse grande mundocão.

A obra do autor Pernambucano mata o leitor como um tiro de espingarda em cada página e em seguida o faz respirar novamente, mas agora com dores. Dores nos nervos, no juízo mesmo. Os personagens de Marcelino querem vingança, falam de virar o mundo de ponta à cabeça e ainda sacudir. Todos os personagens cantam. A forma com que é construída a oralidade no texto escrito das obras de Freire demonstra a preocupação que o autor dedica a fazer com seus textos pareçam ser ouvidos e visualizados pelo leitor. O que ajuda na criação de uma atmosfera envolvente, onde a ficção se confunde com a realidade ao redor. Antonio Candido em *A personagem da ficção* afirma que:

“Todavia, o que mais importa é que não só contemplamos estes destinos e conflitos à distância. Graças à seleção dos aspectos esquemáticos preparados e ao “potencial” das zonas indeterminadas, as personagens atingem a uma validade universal que em nada diminui a sua concreção individual; e mercê desse fato liga-se, na experiência estética, à contemplação, a intensa participação emocional. Assim, o leitor *contempla* e ao mesmo tempo *vive* as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, pela crescente redução de possibilidades. De resto, quem realmente vivesse esses momentos extremos, não poderia contemplá-los por estar demasiado envolvido neles. E se os contemplasse à distância (no círculo dos conhecidos) ou através da conceituação abstrata de uma obra filosófica, não os viveria. É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quasesensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores.” (1968. p. 30)

Marcelino Freire foi revisor de textos, sempre em contato com as palavras, com o dicionário. Recebeu convites para trabalhar como redator, mas recusou porque via nisso uma forma de castrar a sua criatividade e reprimir suas reais intenções, como artista e escritor. Todo o tempo que Marcelino Freire passou trabalhando assim com o dicionário em punho também serviu para a produção literária do autor. Ele escrevia seus contos entre um texto a ser revisado e outro. Tanto trabalho com a palavra que obviamente sua técnica na escrita e no pensar a e escrita foi se aprimorando e metamorfoseando até chegar nessa mistura de escrita e oralidade. Marcelino Freire trabalhou com o teatro por cerca de dez anos na capital pernambucana, Recife, e faz questão de prestigiar as apresentações teatrais que se dão através de seus contos. Talvez seja por isso que quando lemos as obras de Freire temos a impressão de estar assistindo a uma peça com direito a sonoplastia e tudo. A escrita do autor é riquíssima, inclusive, de sonoridade. É uma escrita sonora. Possivelmente, este fator influencia bastante seus leitores, vistos que além de servir para a produção de vídeos e curta-metragens também serve para adaptação às peças teatrais. Há inclusive uma peça que tem como ponto de partida o primeiro romance do autor sertanejo, *Nossos Ossos* e tem direção do também ator Marcondes Lima. Marcelino Freire é apreciador da concisão, isso é perceptível em seus contos. Em entrevistas ele faz questão de ressaltar o quanto admira a forma concisa na escrita de escritores universais como Julio Cortázar, Ernest Hemingway que trabalha em suas obras frases curtas, Machado de Assis e seus capítulos curtos, como em *Dom Casmurro* por exemplo. Paulo Leminski e até mesmo o livro milenar que serve de base para a crença cristã, a bíblia, cujo versículos são curtos também. Segundo o autor de *Angu de Sangue* todos os versículos da bíblia cabem em um twitter. Há em sua escrita apenas o necessário, o que se precisa para a idéia certa no texto. Texto cheio de sotaque, de fala sertaneja e força nordestina.

A obra de Marcelino Freire aguça os ouvidos, faz a vista tremer por que mostra a realidade ali escancarada, pronta para bater com força na cara do leitor. Insiste-se em chamar de polêmica a obra de Marcelino Freire, mas polêmica por quê? Se o que a obra faz é também produto do que é feito no dia a dia, todo dia, várias vezes por dia. Polêmica é um adjetivo que não cabe aqui. O que cabe é realista, fugindo do termo que trata da escola literária. Realista porque é real. É uma realidade literária. O que a literatura de Marcelino Freire faz é criar um espaço onde esta voz, a dos sujeitos subalternizados, ouvida pelo autor, seja compartilhada com outras comunidades.

Aqui, neste trabalho, iremos analisar a obra vencedora do prêmio Jabuti de 2006: *Contos Negreiros*, lançado pela Editora Record. *Cuentos Negreros* também teve sua vez na Argentina, sendo publicado lá em 2013 e tendo tradução de Lucía Tennina. A obra em espanhol também foi disponibilizada pelo autor em forma virtual no site de relacionamento Facebook. É esta a obra que iremos tratar com especificidade para análise nos próximos capítulos. Obra que parece ser um rádio com antenas e autofalantes em diversos lugares tocando o som da realidade, falando ao leitor das agruras do mundo, das doenças, das misérias sociais. Das desigualdades, das esperanças e das vinganças. Quando se lê os cantos de contos negreiros conseguimos aguçar melhor nossos ouvidos e ficamos mais suscetíveis a ouvir a voz dos esfarrapados do centro da cidade, das mulheres de rosto roxo e olhos apreensivos, das crianças catarrentas e sujas pedindo moedas nos bares. Ficamos mais aptos a perceber os aleijados sentados às escadas pedindo moedas, das senhoras já cansadas e desiludidas juntando lixo ao fim da tarde quando o sol já tem amenizado e a temperatura se torna menos insuportável. Marcelino Freire tem um trabalho tão minucioso com a palavra que é capaz de transformar a leitura de uma bula de remédio em uma cena dramática. Isso deve se dar por que desde novo realizava as leituras da casa, lia a bíblia para a mãe, as indicações de uso dos remédios e as cartas, bem como as escrevia. Dentre vários vídeos de leitura dramática feitos a partir das obras de Marcelino Freire, há um no site Youtube no qual Marcelino ‘recita’ a leitura de uma bula de remédio. O vídeo faz parte de uma entrevista cedida ao site PublishNews TV. Também no youtube Marcelino Freire disponibilizou o audiobook da obra *Contos Negreiros*, narrado por ele mesmo, onde houve participação da música já citada aqui Fabiana Cozza.

Marcelino Freire não escreve para salvar ninguém, nem mesmo para representar ninguém. A não ser ele mesmo, talvez. O próprio autor faz questão de dizer, nas várias entrevistas que dá, que não salva ninguém porque, segundo ele, quem salva é igreja. Muitos chamam seus livros de tribuna dos desfavorecidos. De todo modo precisamos ter cuidado ao realizar uma análise literária, pois, podemos cair facilmente no pensamento escorregadio de que a literatura é meramente uma representação do meio social. Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido afirma que “Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal.” (p.22) Marcelino Freire é um escritor teimoso, sempre preocupado como o texto o escreve e reescreve. Essa teimosia do autor é herdada

segundo o mesmo de seus pais, principalmente de sua mãe. Do mesmo jeito que Freire provoca o leitor com suas palavras e idiossincrasias, com sua preguiça e cansaço dessa demora que é a vida, ele se provoca o tempo inteiro. Freire não dá voz a seu ninguém, o próprio Marcelino afirma que escreve porque lê o mundo a seu redor, o escuta, escuta o barulho da rua. O que Marcelino Freire faz é criar um espaço onde muitas e infinitas vozes podem se fazer ouvir. O que ele faz é remontar o palco para a apresentação do próprio mundo ao redor. Não se trata de representar o outro, e sim de perceber o outro falando e construir um eco de tal fala. Através do eco na literatura de Marcelino Freire a dor cotidiana, a angústia humana, as verdades dos ignorados, dos rejeitados, reprimidos e dos opressores são ouvidas quando os ouvidos do leitor estão atentos.

Sempre muito ativo e engajado na manutenção do incentivo à produção literária, Marcelino Freire também se envolve com projetos de cartonagem. A cartonagem que em espanhol significa coletaagem faz parte do dia-a-dia de muitas pessoas na Argentina por intermédio do escritor com pseudônimo de Washington Cucurto que trabalha com associações de catadores de papelão a fim de buscar uma fazer literário que seja sustentável. A Mariposa Cartonera é um selo editorial que confecciona livros com capas de papelão a partir de uma proposta editorial independente, fundado com a intenção de difundir a literatura de forma sustentável e alternativa. Todo papelão utilizado na confecção dos livros é coletado nas ruas, cortado e pintado artesanalmente pelo editor ou dentro do projeto das oficinas oferecidas em comunidades. Em 2015 Marcelino e vários outros escritores tem obras publicadas de maneira independente em livros feitos de material descartável, através da cartonaria Mariposa Cartonera. Ele disponibilizou *Mentira*, uma historieta real em dez capítulos, a segunda edição deste trabalho foi lançada em 2016. Uma historieta que deixa dúvidas quanto à conclusão dos fatos no enredo, e que se baseia na imagem da gata Mentira. Pois é, o nome da gatinha protagonista do livro é Mentira. A seguir, um trecho e uma das capas da obra:

“A velha era uma puta.

Cuida bem da Mentira.

Quero saber qual o maldito casal de escritores que deu esse nome para essa gata doida. Eles se merecem. Os escritores e a minha mãe. (Freire, Marcelino – *Mentira*, p. 24)”

Figura 9. Mentira



Fonte: Mariposa Cartonera

O autor leitor assíduo do dono de *Libertinagem* afirma que Manuel Bandeira é um cara que vivia à sombra da morte o tempo inteiro e que o deu pouca saúde, o que contrastava com as exigências feitas pelo modo de vida ao padrão de homem e principalmente ao homem sertanejo, que é visto como uma máquina pronta para o exercício do trabalho. Para Marcelino, a descoberta de Manuel Bandeira serviu como fonte da descoberta de si próprio, a partir da leitura das obras de Bandeira, freire chegara a conclusão de que poderia ser este tipo de homem também, já que não se enquadrava na classe dos rapazes aptos ao futebol e aos trabalhos braçais e cansativos. Marcelino afirma que não era bom pra capinar, para ajudar na feira, pra carregar peso, era muito desastrado pras atividades de esforço físico bem como pras aulas de educação física. Era todo desengonçado pra essa parte do negócio, mas era o leitor oficial em sua casa, era um ótimo leitor e requisitado. Quanto à sua forma de escrever, o autor afirma que vai descobrindo quais e quem são as personagens de seus contos de acordo com o que vai escrevendo. A cada palavra, cada respirada e cada pausa no texto é que vai se construindo a identidade e a cara das personagens. A fala vem e só depois dela é que vem a imagem de quem está falando. Marcelino Freire afirma que escreve aos poucos, por exemplo, passa um ano escrevendo contos e no final do ano vê quais livros se unem e fazem um livro. Pessoas que matam em nome amor, ou pregam pelo amor quando na verdade são puramente assassinos. Isso chega a nos lembrar da obra italiana escrita em 1921, do dramaturgo, poeta e romancista Luigi Pirandello, autor de *Seis personagens à procura de um autor*. Onde como o próprio título nos indica os personagens estão à procura de um autor para dar-lhes a chance de existir mais.

Muitos leitores das obras de Freire insistem em repetir que sua escrita serve para salvar alguém e que dá voz às pessoas que não tem voz, pensamento que é criticado pelo autor por que ele nos certifica de que os sujeitos falam por si mesmos e que o que

ocorre é que ele está sensível a ouvir o que estes sujeitos excluídos consciente e inconscientemente têm a dizer. Seja através da palavra ou seja através de suas figuras e expressões. Embora a literatura de Freire trate sim das almas penadas da sociedade, dos mais fragilizados e dos menos bem quistos nos círculos sociais ele tem razão quando fala que dá voz a ninguém, que o que ele faz é escutar os que gritam. Ele é um escritor que se amarra ao grito, dá seus gritos e escuta o dos outros. Os textos de Marcelino Freire têm personagens cujas as almas falam pelos cotovelos, e que estão sempre aperriadas. É no aperreio que suas personagens surgem, é através do caos que vêm suas putas, suas bichas, seus padres e beatas. Tal qual seu criador as personagens são produzidas no barro da teimosia. Teimam e queimam no calor da prosa poética de Freire. Freire afirma que não falta motivo pra escrever. Talvez seja por isso que sua escrita aparente tratar dos fatos mais simples, corriqueiros e cotidianos da vida como se estivesse acontecendo uma filmagem detalhadamente esquematizada nas lentes do cineasta Stanley Kubrick, conhecido pela destreza e perfeição de suas obras. É da reunião desses fatos que Marcelino Freire retira um molde de criação para suas personagens, estas que fazem o leitor confundir-se entre a realidade e a ficção. É sobre elas que falaremos no capítulo a seguir.

3. CAPÍTULO SEGUNDO: O SUJEITO SUBALTERNO EM CONTOS NEGREIROS: AS PERSONAGENS LITERÁRIAS NO MUNDO LITERAL

Não há limites para a revolta de *Contos Negreiros*. Os silenciamentos são quebrados, a voz sai da garganta desesperada. O sujeito em opressão é desenhado nas palavras de Marcelino Freire. Literatura de revolta, instrumento de guerra contra a ideologia dominante. Quebra de parâmetros. Neste capítulo tentaremos compreender como as personagens em *Contos Negreiros*, mesclam-se com o mundo real e como nos traz a voz do sujeito subalterno, neste caso também da mulher subalterna. Para tal, precisamos entender como a obra literária consegue moldar a realidade e manejá-la de formas diversas e plurais. Anatol Rosenfeld em seus estudos sobre a personagem da obra literária aborda a capacidade de a personagem penetrar a realidade e libertar o indivíduo de seu próprio corpo, fazendo-o ser o outro. A literatura ficcional em Freire faz o leitor viver a plenitude das possibilidades. O texto literário não é tão somente um apanhado de belas palavras, mas também um conjunto de imaginação e percepção de mundo, é um instrumento de ideologia, esteja o autor ciente deste fato ou não. O dia-a-dia quando torna-se objeto da obra ficcional passa a ter outro significado e rompe os limites da obviedade. Segundo Anatol (2009):

“A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas à plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo: lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobra-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação.” (p. 31)

Logo, aqui precisamos entender o que é a subalternidade. Subalterno, segundo Spivak (2010, p. 12), remete-se “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos da exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.” Ou seja, é todo indivíduo que não pode ter sua voz ouvida, todos aqueles que compõem as camadas desfavorecidas da sociedade. Pessoas que não podem e que jamais poderiam estar presentes no grupo dos que dominam as rédeas sociais e determinam o *status quo*. Para Carlos Vinícius da Silva Figueiredo (2010, p. 86), “Spivak interessa-se em propor uma releitura sobre o que é tido como verdade e transportar esse debate para outro lugar, discutindo a capacidade do subalterno de representar-se” e nos convida a um questionamento profundo: pode o subalterno falar? Segundo ela, a elite se pergunta o

que deve fazer para o manutenção da subalternidade. Spivak aponta que o sujeito subalterno, nesse caso em especial, a mulher como sujeito subalterno, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir. O que se pode dizer é que a obra literária é um meio de se fazer ouvir. E faz ouvir sobre todas as agruras, incluindo o racismo. Freire aborda a questão do racismo pelo ponto de vista do sujeito que sofre e não somente pelo do sujeito que faz sofrer. Muitos podem construir críticas em torno de um conto que foi escrito por um homem branco que toma as dores do negro que foi um sujeito escravizado. De acordo com Silva de Oliveira “À crítica, salta aos olhos o escritor branco e bem sucedido, que, empresta à voz da personagem um discurso elaborado a partir de um lugar privilegiado.” Neste caso, poderíamos rebater à crítica afirmando que esta pesquisa não trata do autor e sim da personagem. É ela quem fala. Como afirma Candido (1981, p. 12) em *A personagem de ficção*:

“É porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza. Isto é pouco evidente na poesia lírica, em que não parece haver personagem. Todavia, expresso ou não, costuma manifestar-se no poema um “Eu lírico” que não deve ser confundido com o Eu empírico do autor. Sem dúvida, houve no decurso da história grandes variações neste campo.”

O narrador no caso do primeiro conto intitulado *Trabalhadores o Brasil* não é Marcelino Freire e sim uma personagem. Provavelmente negra visto que a penúltima fala do narrador é “Hein seu branco safado?” (FREIRE, 2011, p.20). O negro dando discurso pro branco quando por mais que se tente negar nossa sociedade ainda pensa que o discurso deva ser ouvido e obedecido pelo sujeito negro e por toda sua comunidade. É o terceiro mundo subjugado pelo poder do branco.

“Numa palavra, o Terceiro Mundo se descobre e se exprime por meio desta voz. Sabemos que êle não é homogêneo e que nele se encontram ainda povos subjugados, outros que adquiriram uma falsa independência, outros que se batem para conquistar a soberania, outros enfim que obtiveram a liberdade plena mas vivem sob a constante ameaça de uma agressão imperialista. Essas diferenças nasceram da história colonial, isto é, da opressão. Aqui a Metrópole contentou-se em pagar alguns feudatários; ali, dividindo para reinar, fabricou em bloco uma burguesia de colonizados; mais além matou dois coelhos de uma só cajadada: a colônia é ao mês mo tempo de exploração e povoamento.” (SARTRE, p. 06)

Neste conto, Freire transforma diversas divindades e ícones da cultura e da resistência negra em pessoas que realizam trabalhos comuns, mas indesejados como Olorum trabalhando de cobrador de ônibus num “transe infernal de trânsito” (FREIRE, 2011, p. 19). Ossohe se prostituindo no Pelô, Rainha Quelê passa a ser limpadora de

fossa. Lélia Gonzalez, intelectual, política, professora e antropóloga brasileira, em sua obra *Lugar de negro*, sobre a condição do sujeito negro afirma que:

“Outro grande escoadouro de mão-de-obra barata foi a prestação de serviço. Também ali encontramos o trabalhador negro fortemente representado, sobretudo em atividades menos tais como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança, transportes urbanos etc.” (p. 14)

A partir dessa comunhão entre o sagrado e o ordinário podemos construir interpretações variadas. Uma delas seria o fato de que em nossa sociedade a população negra é tratada ainda sob as viseiras do colonialismo. Nosso pensamento chamado pós-colonial ainda aprisiona o sujeito negro, ainda usa as correntes do passado e *Trabalhadores do Brasil* nos remete a isso. De forma muito interativa Marcelino Freire usa a oralidade para se comunicar melhor com o seu leitor.

“Enquanto Rainha Quelé limpa fossa de banheiro Sambongobungo na lama e isso parece que dá grana proque o povo se junta e aplaude Sambongo na merda pulando de cima da ponte tá me ouvindo bem?

Hein seu branco safado?

Ninguém aqui é escravo de ninguém.” (FREIRE, 2011, p. 19)

Há quem afirme que a obra de Marcelino Freire é racista e subjuga a comunidade negra usando como base o conto de onde o recorte acima foi feito. Aqui, com certeza, ousa-se afirmar o contrário. Este conto serve muito bem para elucidarmos o mal sem fim causado pelo racismo à pessoa negra. Muito mais ainda à mulher negra que sofreu e sofre com o colonialismo patriarcal. Quando o feminismo estourou e saiu às ruas em forma de dezenas de mulheres, quais mulheres eram estas? E de qual cor era a sua pele? Eram as donas de casa brancas cansadas da opressão do sistema, cansadas de sentirem apenas objeto doméstico, cansadas de viver como utensílio do marido e dos filhos. Não há como negar e desvalidar a luta por dignidade de nem uma classe, mas pensemos o que aconteceu e o que ainda acontece com a figura da mulher? E no que tange a mulher negra? Se pensarmos no agora, o que podemos dizer da situação da mulher negra brasileira? Segundo Carneiro (2011, p. 01):

“Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca.”

Não é raro vermos na televisão e também nos grandes cinemas filmes ou documentários sobre a vida dos menos abastados. Mulheres e homens brancos, filhos e filhas de famílias ricas com suas câmeras ultratecnológicas fazendo filmes e gravando relatos dos pobres e infelizes. Dos pretos. Querendo saber do que se alimentam, de onde tiram seu sustento, em quê trabalham. Quantos eletrodomésticos há dentro do barraco, se tem água encanada e se o esgoto fica mesmo o tempo todo a céu aberto. Quantas crianças vivem na casa, quantas estudam, se tem merenda na escola. Se é escola de tempo integral. Quantos filhos morreram de desnutrição e se vai tudo bem. Querendo entender e, com tantas perguntas, querendo saber como foi a peleja pra sair do nordeste e chegar na cidade grande. Peleja que nem Dante nem Ulysses nem Severino pudesse aguentar. Como foi chegar lá e se virar. Buscando a percepção intelectual de entender o outro por chegar em sua casa de repente e lhe pegar no mormaço do cotidiano sem tempo e dinheiro nem de usar uma maquiagem melhor pra ficar mais bonita pros telespectadores. A vida da gente pobre dá muito dinheiro. Quando vai para as novelas, para as telas. Por que é tão comum invadir a casa das pessoas nas favelas e sair metendo a câmera na cara de todo mundo? No entanto, não se é tão comum chegar assim de supetão quando é pra entrar na casa da chamada classe A. *Solar dos Príncipes*, o segundo conto da obra, atinge em cheio esta discussão.

“- Viemos gravar um longa-metragem.

- Metra o quê?

Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr. Nordestino é homem. Porteiro é homem ou não é homem? Caroline dialogou: “A ideia é entrar num apartamento do prédio, de supetão, e filmar, fazer uma entrevista com o morador.”

O porteiro: “Entrar num apartamento?”

O porteiro: “Não.”

O pensamento: “Tôfudido”.”(FREIRE, 2011, p.24)

Nas mansões brilhantes e estonteantes da *bourgeoise* rica, branca, heterossexual e cristã efervescente. Nos grandes condomínios de luxo não se pode invadir e já ir gravando a galera na geral e mostrando os costumes e como as crianças ricas e gordas se livram das grandes porções de gordura e refrigerantes com o uso de uma escova e uma latrina de porcelana importada. Bulêmicas e de brasão. Pobres coitadas. Disfunções provocadas pela falta de afeto do pai e da mãe. Não têm tempo, vivem de viagens importantes e urgentes. Pois bem, nestes condomínios não se pode chegar afobado. Tem que marcar horário, usar o terno mais alinhado e chegar no momento marcado. Deve haver muita cordialidade e se deve falar mansinho com o porteiro que é pra ele não se assustar e não já ir acionando os alarmes e chamando a polícia. O conto *Solar dos Príncipes* nos permite problematizar as raízes do colonialismo, onde os brancos ricos podem tudo em nome do progresso e os homens pretos e pobres devem ser analisados,

estudados, compreendidos e definidos. São coisas, não são sujeitos de suas histórias. Neste conto os jovens negros querem saber como é ser quem segura a câmera e faz a filmagem. Isso pode ser uma metáfora para o desejo que o excluído tem de conhecer o poder, já que de acordo Bhabha (2005, p. 76):

"Quando seus olhares se encontram, ele [o colono] verifica com amargura, sempre na defensiva, que 'Eles querem tomar nosso lugar.' E é verdade pois não ha um nativo que não sonhe pelo menos uma vez por dia se ver no lugar do colono."" E sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial e articulado: O espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão dos papeis.

À máscara branca do colonialismo devemos esta nossa atual sociedade. Tão supostamente desconstruída e politicamente correta. Onde todos buscam a salvação das almas dos negros, dos gays, das travestis, dos índios, das mulheres, dos deficientes e de todos os desgarrados. O homem branco veio para a salvação da espécie humana. Este sistema a qual chamam de inclusivo não poderia o ser se ao mesmo tempo não fosse excludente. Em *Solar dos Príncipes*, quatro negros e uma negra chamada Caroline, todos moradores do Morro do Pavão, tentam fazer um filme sobre a vida da gente rica da cidade maravilhosa. O morro do pavão é um conjunto de morros que fica próximo de dois dos bairros mais famosos do Rio de Janeiro. Ipanema e Copacabana. Como de costume, Marcelino Freire faz muitas brincadeiras linguísticas, gingando com a escrita e com a sonoridade das palavras, ele faz meninices com os significados dos signos. Há momentos em seus textos nos quais o autor consegue realizar jogos semânticos como quando usa a palavra *filmando* que serve para o ato de filmar propriamente dito pelas câmeras, no caso do condomínio de segurança e o ato de observar como quando dizem em gíria que o sujeito está filmando o ambiente, pois, o assiste e presta atenção nos movimentos que acontecem num determinado lugar.

““Estamos filmando”.

Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está.

- De onde vocês são?

- Do Morro do Pavão.”(FREIRE, 2011, p.23)

O terceiro conto se baseia em uma estrutura simples e curta, de apenas nove parágrafos, mas longa o suficiente pra fazer o leitor perder o fôlego porque a fala corre e a oralidade grita. Muita gente se preocupa com a violência que vem aumentando dia após dia. Muito assalto, muita morte. Caos e falta de segurança. O medo toma conta das cidades e dos cidadãos e o desconforto social é grande. Já não se pode ostentar como antigamente, pois há agora o receio de estar sendo observado, filmado para um suposto ataque certo. Paranóia geral. O terceiro conto chama-se *Esquece*. Há no início deste conto uma epígrafe do músico fundador do grupo O Rappa, Marcelo Yuka “Todo camburão tem um pouco de Navio Negreiro”. Esta pequena citação já nos sugere do que vai tratar o conto. Da violência contra a pessoa negra. Se nos tempos coloniais os transportes dos sujeitos escravizados se davam por meio de navios, hoje as amarras desses sujeitos são construídas pelos camburões.

“ Violência é ele ficar assustado porque a gente é negro ou porque a gente chega assim nervoso e ponto de bala cuspidando gritando que ele passe a carteira e passe o relógio enquanto as bocas buzina desesperadas. Violência são essas buzinas e essa fumaça e o trânsito parado e o outro carro que não entende que se dependesse da gente o roubo não demoraria essa eternidade atrapalhando o movimento da cidade.” (FREIRE, 2011, p.31)

O sistema policial é extremamente violento e o nível de coerção usado contra a população negra é absurdo. Basta ligar a televisão e ver os jornais, ligar o rádio e ouvir as notícias. Basta abrir os periódicos e ler as manchetes. Por isso essa relação entre navio e camburão na fala de Yuka. Neste conto, temos a fala do assaltante que se justifica dizendo que se dependesse apenas dele o assalto não demoraria tanto.

O quarto conto da obra chama-se *Alemães vão à guerra*. Dobrando os enes e os erres, Freire colabora com leitor na criação do sotaque alemão, escrevendo Negrras e Preparra. O conto trata do uso da mulher. Mais especificamente da mulher negra como objeto disponível ao bel prazer do homem branco europeu. Ainda trata também de como a situação econômica dos sujeitos é o que define quem manda e quem segue a boiada.

“Nosso dinheiro salvaria, por exemplo, as negrinhas do Haiti. Baratas como as negrras de Burrundi. Trouxe uma parra aqui, lembra? Faz tempo que eu trouxe uma parra aqui. Ajudei a preservá-la, no meu pescoço os dentes de marfim. Hoje, ela ganha ensinando o povareu de Berrlim. Em Mönchengladbach, dança. Ganha a sorte no samba.” (FREIRE, 2011, p.37)

O conto quinto chama-se *Vanicléia*, ele trata com muita exatidão a violência que assola as mulheres mundo afora. O que se pode dizer de *Vanicléia* é que ela é o meio de se fazer ouvir. Através desta personagem, pode-se ouvir a voz dos sujeitos subjugados de Sartre. Vanicléia existe além da literatura, e que está viva para provocar a angústia e aflorar a sensibilidade. Vejamos este trecho do canto V:

“Se for menina, vou ensinar assim: no porto, no carnaval. No calçadão de boa viagem. Com cuidado pra polícia não ver a sacanagem. E querer participar. Um dia, eu tive que foder com a tropa inteira. Da delegacia. Mexeram comigo até o dia amanhecer. E ainda ficaram tirando onda: que eu devia respeitar o homem brasileiro. Rárárá. Mataram a Vanicléia, lembra, não lembra, lembra? De tanto que afozaram ela.” (FREIRE, 2005, p. 41)

Através das personagens, pode-se ouvir a voz do sujeito subalterno. O que nos permite afirmar que os sujeitos existem além da literatura, e que está viva para provocar a angústia e aflorar a sensibilidade. Vejamos este trecho do conto V:

Se for menina, vou ensinar assim: no porto, no carnaval. No calçadão de boa viagem. Com cuidado pra polícia não ver a sacanagem. E querer participar. Um dia, eu tive que foder com a tropa inteira. Da delegacia. Mexeram comigo até o dia amanhecer. E ainda ficaram tirando onda: que eu devia respeitar o homem brasileiro. Rárárá. Mataram a Vanicléia, lembra, não lembra, lembra? De tanto que afozaram ela. (FREIRE, 2005, p. 41)

A mulher subalterna discutida por Spivak é também esta personagem revivida por um terceiro e não se trata de estar apto a representar a mulher subalterna, mas de transformar-se nela. Vivê-la na imaginação, na magnitude da literatura. Isso porque a arte, aqui especificamente a literatura, permite existir um universo de (im) possibilidades.

Antes de tudo, porém, a ficção é único lugar — em termos epistemológicos — em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações. E isso a tal ponto que os grandes autores, levando a ficção ficticiamente às suas últimas consequências, refazem o mistério do ser humano, através da apresentação de aspectos que produzem certa opalização e iridescência, e reconstituem, em certa medida, a opacidade da pessoa real. (CANDIDO, p. 22)

Algo que o real não consegue alcançar. As falas da mulher que apanha e já imagina a filha prostituindo-se no calçadão em Boa Viagem nos possibilita compreender como a literatura transporta o sujeito ao lugar do outro, ao ponto de entender que a mulher subalterna existe e que está também na literatura. A partir do momento em que a personagem traz a voz da mulher excluída, abusada e violentada ela está sendo essa mulher, isso porque a literatura é um espaço onde o sujeito fragmenta-se, ele deixa de ser somente *eu* para ser *tu* e em seguida ser *nós*. Patrocínio (2013, p. 639) afirma que “[...] a produção discursiva marginal seria tomada não apenas como um discurso ficcional, mas como um texto político que apresenta o relato de uma experiência que aciona nos leitores, sejam esses críticos ou não, uma práxis solidária.” Então, é possível afirmar que Vanicléia constrói um espaço onde o sujeito subalterno fala e é ouvido. Spivak (2010 p 15) argumenta que “o subalterno, nesse caso em especial a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra meios para se fazer ouvir.” Perante isso, ainda podemos ir mais além e buscar

compreender o que se passa então no caso da mulher negra, pois, teríamos duas problemáticas ferozes em um único alvo. Neste caso, o machismo e o racismo. O que é relatado sobre os sofrimentos dos sujeitos escravizados é sempre feito de modo muito sutil, romântico até. Falamos do período de colonização como se fosse um simples dado que deve ser absorvido e posteriormente vomitado em uma prova de vestibular, do ENEM ou de qualquer outra prova. Não lidamos com o problema como algo que enraizou-se e que perdura até o que chamamos de idade contemporânea. A Fundadora e coordenadora-executiva do Geledés – Instituto da Mulher Negra São Paulo SP, Sueli Carneiro, afirma que se faz preciso enegrecer o feminismo já que:

“As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.”(CARNEIRO, p. 01)

Aqui podemos elencar que a literatura é um meio no qual a mulher subalterna pode se fazer ouvir. Patrocinio (2013 p. 640) diz que “O texto literário marginal, nesse sentido, passa a ser o objeto de discussão e debate devido a sua ligação com o território periférico, devido a posição que o sujeito da enunciação ocupa em nossa sociedade”. Tal afirmação serve para que possamos estabelecer pontes entre a obra literária e os estudos pós-coloniais de Spivak. Além disso, conseguimos perceber o quão alienada é a personagem. Sobre alienação Sarlo (2007, p.39) afirma “O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma “cura” da alienação e da coisificação.”

A preocupação aqui é relacionar estas figuras literárias e suas agruras à mulher subalterna, que é o sujeito subalterno apontado por Spivak, através da forte oralidade presente na escrita de Marcelino Freire. Oralidade que está presente na fala das personagens. Personagens. Esta palavra tem se repetido muito neste corrente texto. É que é pelo sangue da personagem que conseguimos ouvir os ecos oriundos dos gritos destes seres vestidos de ossos e areia sertaneja. É pela boca das personagens que escutamos essa oralidade doce que nem rapadura e ácida feito um angu de sangue. Anatol Rosenfeld (2009) vem corroborar também com esta pesquisa quando afirma que “É porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza. Isto é pouco evidente na poesia lírica, em que não parece haver personagem.” O conto sexto, chamado *Esquece*, possivelmente seria o conto mais brincalhão da obra. Marcelino Freire o constrói inteiro sobre as falas de um diálogo de dois num discurso infundável. Não é que não exista violência. A violência está derramada sobre todo o livro *Contos Negreiros*. É que neste conto, a

violência está toda ela concentrada no humor corrosivo do autor. O conto trata de um possível assalto a uma mulher que ou realmente sofre de alguma patologia cerebral que tenha prejudicado sua capacidade cognitiva ou que é ajuizada por demais e encontrou uma forma perigosamente cômica de se livrar de um trombadinha. A mulher no conto lida com a violência à sua volta de uma forma muitíssimo inusitada. Se não fosse um personagem de Marcelino Freire poderia muito bem ser uma Kika de Pedro Almodovar. Além disso, o texto é uma espécie de círculo que tem como fim e início o mesmo ponto.

“- O quê?

- Isto é um assalto, não tá vendo?

- Onde?

- Aqui dentro ônibus.

- E por que você não faz alguma coisa?

- Eu?

- Chama a polícia?

- Essa velha é doida!

- Quem é doida?

- Chapadona! Passa logo a bolsa.” (FREIRE, 2011, p.46)

O sétimo conto também tem seu tom de bom humor perante a desgraça. Chama-se *Nação Zumbi*. Antes do conto propriamente dito há uma página dedicada à seguinte definição: Zumbi. Fantasma que vaga pela noite morta. O título é certeiro na hora de sugerir que o texto trata do corpo. Neste caso, o corpo como moeda de troca. Como foi dito, o bom humor também impera sobre a atmosfera mórbida criada pela personagem que se encontra indignada por não lhe ser possível vender um de seus rins. Teria de viajar à Luanda, mas a oferta lhe valeria o esforço. Um rim e em troca receberia dez mil reais.

“E o rim não é meu? Logo eu que ia ganhar dez mil, ia ganhar. Tinha até marcado uma feijoada pra quando eu voltar, uma feijoada. E roda de samba pra gente rodar . Até clarear, de manhã, pelas bandas de cá. E o rim não é meu, sarava? Quem me deu não foi Aquele-lá-de-cima, Meu Deus, Jesus e Oxalá? O esquema é bacana. Os caras chegam aqui levam a gente para Luanda ou Pretória. (...) Puta oportunidade só uma vez na vida (...)”.

(FREIRE, 2011, p.53)

Mas por conta de algum cagete não se pôde realizar a venda. Para a personagem valeria a pena, pois, seria possível sair da miséria. Como em todos os contos de Freire há neste uma crítica social. A personagem questiona o porquê de não a permitirem realizar a venda macabra se não se importam de fato com as condições de vida deploráveis da personagem. O conto também serve para fazer uma amostra das máscaras que a desigualdade socioeconômica desenha no dia-a-dia.

O conto oitavo chama-se *Coração*. E mexe com o de qualquer um que sabe o que é o underground mais solitário do mundo. O coração de uma bicha. Coração trata dos lamúrios de uma personagem gay que a esta altura no mundo já se assemelha a muitas outras gays. Sejam elas as badaladas e tecnológicas bichas de Manhattan ou Ohio ou do interior do Pará ou do raio que as parta. Que parte em pedaços miúdos a alma aveludada do ser humano. Bichas metropolitanas e sertanejas. Bichas cabra-macho. Bichas de toda a América latina. Bichas indianas e cubanas. Bichas do Havaí. Do Haiti. Aqui. Ali. Bichas de toda a galáxia admitiriam que mesmo por um instante qualquer que seja ou fosse já teve na mão o membro de um Beto da vida. E desejou também por uma vez ou cem ter nascido oca. Sem coração. Sem emoção alguma. Paixão que nada, viver só é bom se for nas curvas da estrada.

“Bicha devia nascer sem coração. É, devia nascer. Oca. É, feito uma porta. Ai, ai. Não sei se quero chá ou café. Não sei. Meus nervos à flor de algodão. Acendo um cigarro e vou assistir televisão. O especial de Roberto Carlos todo ano. Ai, que amolação! Esse coração de merda. Bicha devia nascer vazia. Dentro do peito, um peru da Sadia. É, devia.” (p. 59)

Caderno de turismo é o nono conto. Neste conto a personagem traça um extenso itinerário de lugares aos quais seu ouvinte, Zé, não deve ir. Não deve sair do Brasil porque não o conhece direito. Seus lugares. Suas belezas. Não conhece a América Latina. Zé não deve pensar nessas viagens. É perigoso demais. É longe. É caro, não há condições. A asa do avião pode quebrar, o avião pode cair sabe Deus onde. Não vai ser bom. Visitar esse lugares assim, do nada. Já. Não se deve. A personagem afirma que o destino dela e o de Zé é o mesmo. É um só. Ir sentir as angústias de África. Ver suas maravilhas. Passar fome em um lugar diferente. Zé não deve ir. Ele não fala outras línguas. Não vai entender o que lhe dizem. Não vai saber se comunicar. Não vai funcionar. Ir a países estranhos e sofrer um atentado terrorista. Morrer assim. É melhor ficar no mesmo lugar. Sem viajar. Pensar em visitar sítios distantes. Pisar em solos estrangeiros. Contrair doenças mortíferas. É melhor não. Após citar vários lugares de diversas partes do mundo, é revelado ao leitor que Zé, possivelmente, queria um lugar para enterrar o cachorro.

“Atentado, bomba em Bengasi, doença em Botsuana. Zé, estou sendo franca: olha bem para nossa cara. Por que partir para a Dinamarca? Caracas? Cancún, Congo?

Cachorro a gente enterra em qualquer canto. Enterra aí no quintal, Zé. E pronto.” (p. 69)

O décimo conto chama-se *Nossa Rainha*. A rainha dos baixinhos que emocionou muita gente nos anos 80 e 90 quando tocava nas vitrolas a sua Lua de Cristal. Essa mesma. A própria. Neste conto Marcelino Freire aborda intencionalmente ou não a forma violenta de como a mídia pode moldar os desejos dos indivíduos. Essa violência parte da visão colonizadora que a grande mídia oferece, tratando de alienar os sujeitos. Aqui se faz pertinente usarmos a fala do pesquisador de da diáspora cultural e direitos humanos Homi Bhabha, pois, segundo o mesmo (2005, p. 71):

“O caráter extremo dessa alienação colonial da pessoa - esse fim da "ideia" do indivíduo - produz uma urgência inquieta na busca de Fanon por uma forma conceitual apropriada para o antagonismo social da relação colonial. O corpo de sua obra fende-se entre uma dialética hegeliano-marxista, uma afirmação fenomenológica do Eu e do Outro e a ambivalência psicanalítica do Inconsciente.”

Afetando muito mais violentamente as crianças que estão em fase de construção dos valores que irão, possivelmente, levar para o resto de suas vidas. Valores estes que podem inclusive fazer com que uma criança negra queira ser branca. A violência aqui está bem sutil nos meios como a colonização ainda vigora. O bonito é ser branco. É ser branca, loira dos olhos azuis. É ser Xuxa. “Mãe, eu quero ser Xuxa. Mas minha filha. Eu quero ser Xuxa. A menina não tem nove anos, fica tagarelando com as bonecas. Com as pedras do Morro. Eu quero ser Xuxa. Mas minha filha.” (p. 73)

Totonha, mulher título do conto, é uma figura feminina em seu âmbito de pobreza, que por despeito ou por costume admite não querer ser representada, ela se recusa a aprender a ler, recusa seus direitos, não se importa em estar sempre em seu canto, à beira do fogão, na boca do fogo da desigualdade, da inequidade. Totonha é produto condicionado do pensamento dominante como em “Não quero aprender, dispenso. Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. Deixa eu, aqui no meu canto.” (FREIRE, 2005, p. 79) Sobre ter consciência da desigualdade e permiti-la acontecer, Fernandes explica:

“Todavia, possuir uma “consciência crítica” de uma dada realidade e ignorar que ela exige desdobramentos práticos para ser destruída é mais grave que omitir-se: pressupõe um compromisso tácito com os que querem que a realidade não se altere, que ela se reproduza indefinidamente. Por isso, impõe-se ao negro avançar por seus próprios meios, liberar-se de símbolos, comportamentos e datas que o prendem ao “mundo que o português criou”. (1920, P. 25)

A partir desta fala, podemos perceber que *Totonha* é uma mulher que transita a tradição e a modernidade, ainda sufocada sob a força do patriarcado. Tudo isso está construído no meio e o meio está na literatura bem como a literatura ocupa espaço no meio. Um processo de continuidade sistemática mantendo o sujeito pobre com um pensamento pobre. Esse mesmo conformismo é questionado por Florestan Fernandes quando este fala sobre como o sujeito negro pode manter o sistema de pé ao não rebelar-se. Como no trecho da obra *Significado do protesto negro*:

“O negro colabora, de modo inconsciente, com o branco para manter e reproduzir a ordem racial que fora absorvida pelo regime de classes (o parasitismo sobre a mulher negra, o abandono da mulher e dos filhos, apoio econômico e social para o êxito dos imigrantes - como a família o medo de enfrentar o preconceito de cor dissimulado, a aceitação de ser posto à margem da sociedade civil e iludido etc.)- No fundo, surgem duas repulsas elementares: a de conformar-se com as condições de vida imperantes e a de conformar-se com as idéias simplistas de que o negro tinha aberta diante de si a estrada que lhe concederia a cidadania e tudo o que pudesse conquistar através dela.” (FERNANDES, 1920, p. 36)

O décimo segundo conto é *Polícia e Ladrão*, como nas brincadeiras da infância. O texto começa numa cena onde a personagem Nando foi baleada e está perdendo sangue. O narrador é amigo de infância e relembra quando os dois brincavam em vassouras quando crianças. Fantasmando cavalos. Dirigindo carros imaginários. Relembra também como costumavam se divertir juntos. O texto sugere que há um confronto entre os amigos. Pois a personagem narradora da estória pede que Nando dispense a arma que ele tem em punho e relembre quando os dois travessos roubaram a dona da padaria. Era noitinha e eles sabiam como desenvolver o processo porque o tio de Nando era funcionário na padaria. As coisas começaram a mudar com Nando depois que o pai dele morreu e que bateram em sua mãe. Também tocaram fogo no barraco onde ele morava. Aí ele desandou.

“A gente não tinha ainda essa cara dura que ela dizia, não tinha. Por isso que você teve a ideia da gente virar ladrão de verdade. E ir à padaria, no outro dia, só para olhar o desespero da broaca. Lembra? Serviço de gente grande, ela nem desconfiaria. A gente entrou de máscara. Feita de jornal. E a gente levou um apito junto. Para que ara mesmo o apito, Nando?” (FREIRE, p.86)

Meus amigos coloridos é o conto de número 13. Ele fala das diversas experiências (aparentemente) homoafetivas que a personagem teve. Ela começa falando de quando tudo começou. Que seu primeiro foi o Cadu ou o Kiko, não tem certeza. Não lembra direito, mas lembra que brincava com seus amigos coloridos no açude. Que em

meio ao calor do futebol se divertia mais com os meninos que com o esporte. Beto tinha onze anos e ele também queria. O primo e o irmão do Beto também queriam. Juntos eles pulavam o muro do cemitério e tinham bons momentos lá dentro, chutando ossos e traquinando. A personagem narra vários amigos que foi conhecendo ao longo da vida. Uns mais novos, outros mais velhos. Até que o tempo trouxe o amor de sua vida. “Enquanto o arquiteto sumiu na bateria, fiquei pensando. Tenho certeza que agora, finalmente, conheci o amor da minha vida. Meu primeiro amor, depois de tantos. Falo daquele negronegronegronegro ali, rebolando.” (p. 93)

O décimo quarto conto é *Curso Superior*. Nele a personagem conversa com a mãe sobre sua angústia de não conseguir vencer na vida mesmo sendo formado e tendo um diploma comprovando sua formação. A personagem narra seu medo de não conseguir um emprego, fala de como pode ser assustador entrar na faculdade e tirar nota baixa. Tem medo da pressão do professor sobre essa nota. Tem medo de como a sociedade pode tratá-lo mal e rejeitá-lo. Excluí-lo. Tem receio de como a polícia vai olhar pra ele. A personagem pensa em como pode ser complicada a vida. Imagina quão problemático tudo pode ser se ele encontrar uma loira gostosa na faculdade e engravidá-la. Não sabe como o pai e o irmão dela podem reagir, o que a família dela pode fazer. A partir dessa pressão social pode ser que a personagem se desespere e faça uma besteira e ela se questiona se vai ter direito a uma cela especial.

“O meu medo é que mesmo com diploma debaixo do braço andando por aí desiludido e desempregado o policial me olhe de cara feia e eu acabe fazendo uma burrice sei lá uma besteira será que vou ter direito a uma cela especial hein mãe não sei.” (p. 98)

Xico Sá se pergunta se o décimo quinto conto chamado *Meu negro de estimação* seria uma referência a Michael Jackson. A personagem narra como seu negro de estimação foi se tornando um homem melhor. Narra como seu homem aprimorou-se em questões de gosto e de comportamento. Como ele agora se veste melhor, é mais polido, não se suja mais de graxa. Não faz trabalho pesado. Tem motorista particular. Toma banho de sol a beira da piscina. Não faz comentários inconvenientes e só se pronuncia quando está seguro do que diz. O conto sugere um processo de embranquecimento, por isso Xico Sá nos sugere Michael Jackson. O homem da personagem após visitar vários países e culturas vai se distanciando de sua própria identidade brasileira. Bhabha explica que “o que se interroga não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégicas e institucionalmente colocadas. (p.81)” Em contrapartida, o conto também pode sugerir que esse distanciamento seja uma forma de fugir das condições impostas ao sujeito negro no Brasil. “Meu homem é uma outra pessoa. Não quer mais saber de samba. Nem de futebol. Não gosta de feijoada. Meu homem não quer voltar para casa. Foge de lá porque tem medo de levar bala à toa.” (p. 101)

Yamami é o último conto da obra. O título do conto é o nome de uma indiazinha de apenas onze anos de idade. Aliciada por um homem branco telepático que veio de terras estrangeiras em busca da prostituição infantil. *Yamami* é uma indiazinha que sofre com a vilania do colonizador, o homem europeu. O Brasil é um país que teve e ainda tem seus nativos mantidos no cativeiro da colonização. Marcelino Freire é um dos pouquíssimos autores brasileiros contemporâneos que lidam com a temática indígena. A nação brasileira pouco conhece sobre os povos nativos. Sobre como o homem branco europeu tratou estes povos Sartre afirma:

“A elite européia tentou engendrar um indigenato de elite; selecionava adolescentes, gravava-lhes na testa, com ferro em brasa, os princípios da cultura ocidental, metia-lhes na boca mordanças sonoras, expressões bombásticas e pastosas que grudavam nos dentes; depois de breve estada na metrópole, recambiava-os, adulterados.” (SARTRE, 1968. p.3)

A personagem explica que no lugar onde mora não pode fazer isso, mas no Brasil pode porque ninguém se importa. O canto explicita o descaso perante um assunto tão incomodo: a pedofilia aliada à prostituição. Além disso, o conto deixa perceber o quão ignorantes são estes homens supostamente civilizados do primeiro mundo quando desprezam a beleza natural do país, visando somente o aliciamento de crianças prostituídas pela sociedade.

“E os índios?

O que tem os índios?

O que você achou dos índios do Brasil?

Fodam-se os índios do Brasil. Toquem fogo na floresta. Vão à merda.

Que turista é você? E a febre amarela?

Só lembro de Yamami.

Yamami.

Sempre gostei de crianças. Aqui é proibido.” (p. 105)

Muito foi falado acerca das consideradas minorias, estas que são postas à prova todos os dias, em todas as instâncias. São sujeitos renegados e explorados pelo sistema social. São seres humanos que buscam sobreviver a tantos entraves, sempre à deriva. Cansados, mas resistentes. Exauridos, porém vivos. Guerreiras e guerreiras nas batalhas da vida. Como já foi dito, estas pessoas estão ao redor, no cotidiano, nas filas dos mercados, nas praças, nos pátios, nas ruas e nas avenidas. Basta parar um instante para observar. Pois bem, tais pessoas estão também na literatura. Esta monografia elencou diversos pontos que costuraram o mundo real e a ficção de Freire em um único lençol de retalhos. Dos porões excludentes do nosso *modus operandi* aos holofotes criados a

partir da literatura, levantam-se os heróis e as heroínas da periferia e tornam-se o centro das discussões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O GRITO DOS SUBALTERNOS É OUVIDO

“De fato, existe uma graça na desgraça. Um quê de tragicômico, digamos, no que escrevo. Creio que o que me salva como escritor, por incrível que pareça, seja o humor. Senão, a fala ficaria discursiva, demagógica, sem vida. Trabalho em registros muito fronteiriços. O meu conto corre o perigo de virar panfleto, propaganda de ONG. Ave nossa! Longe disso. Por isso o humor impiedoso, ácido. Sobre violência, não canso de dizer: eu não escrevo sobre violência. Eu escrevo SOB violência. Já que vamos morrer todos, pelo menos vamos morrer, assim, de rir (essa foi péssima - perdão pelo trocadilho. Rarará).” (Entrevista cedida ao O Globo em 29 de agosto de 2008)

A intenção deste trabalho não foi exatamente encerrar as questões aqui levantadas e sim contribuir para alicerçar as possibilidades de percepção do mundo real através da literatura de Marcelino Freire. Obra canalizadora de interpretações. Uma possível interpretação seria a de que as comunidades excluídas falam sim, mas, além disso, elas gritam aos quatro cantos, que existem. A problemática, talvez, gire mais em torno daqueles que (não) ouvem esses gritos. O autor Marcelino Freire soube ouvir as vozes vindas do lado de fora da bolha confortável do individualismo, teve sensibilidade para expor em sua obra caricaturas e alegorias de sujeitos reais transpostos para o papel. Trazendo à tona a violência arraigada no simples viver.

Dizem que são as tecnologias, são os videogames, são as novelas e as TVs a cabo. “É tudo culpa do PT e da netflix”. Tudo isso faz a criança ficar violenta. “São os professores e professoras”. “São as escolas, são os políticos!” É sempre culpa de alguém e esse alguém é sempre o outro. A violência nunca parte de nós, pois, como foi dito muito no início, nunca somos culpados pelos problemas dos outros. É sempre culpa da mulher que estava se exibindo e o estupro corretivo era só pela boa intenção de ensiná-la a ser uma mulher de verdade. Ou foi porque ele era muito novinho e não entendia muito bem o que era aquilo branco saindo assim, às pressas, pungente e esquisito. É culpa sempre da vítima. Mas vítimas somos todos o tempo todo, da vida.

Quanto mais nós aprofundamos em pesquisas e leituras, quanto mais baixamos arquivos e lemos fichas e escrevemos resumos. E nos sentimos assim intelectuais, felizes por sabermos de nossas tristezas. Por sabermos exatamente nossas qualidades e logo nossos defeitos, por compreendermos que somos complexos e cheios de paranóias modernas e outras várias nem tão modernas assim. E aí, tomamos nossas pílulas diárias e ficamos bem, nos dopamos com malboro vermelho ou light, com maconha ou cocaína, com prozac ou dopamina, com uísque, com bolsas e sapatos novos, nos entupimos de chocolate ou conhaque, de anfetamina ou crack e ficamos bem. Precisamos suprir esta falta constante que nos é inerente, a todos: homens e mulheres.

Todos nós sentimos falta de alguma coisa, nem que seja a falta de comer um apetitoso prato sem saber que prato seria esse. Todos temos nossas ausências internas, até mais as escondidas, nunca reveladas nem mesmo ao travesseiro durante o sono, escondida entre os sonhos que não nos permitimos ter.

Tudo isso reflete na criação literária e muito mais ainda em sua recepção. O mundo corre, os mísseis são lançados, os submarinos emergem, tudo líquido. As relações interpessoais, as cervejas e conversas com amigos via whatsapp, com os colegas de trabalho via e-mail, por mera formalidade, *just for the record*. E até com deus se pode falar. “Se você ligar para este número ou Se você puder realizar um depósito nesta agência.” Entre um comercial e outro, o racismo nos aparece sutil. Entre um café da manhã e um encontro com Fátima ou com o Batman o machismo nos desse com pão e manteiga, lisinho, sem pelos. No chá da tarde dos ingleses, um xadrez. Aqui políticos não jogam limpo e aos montes estão no jogo também. No jantar, as pessoas estão ocupadas e não viram a travesti carregada numa carroça de mão, já morta. Em outras cidades, travestis são vistas roubando imagens de santas nas capelas católicas. Mendigos são incendiados enquanto dormem, cães chutados até a morte. O mal é algo sem sexo, sem cheiro, sem condição social, sem gênero, sem cor, sem matéria tal qual o bem. Ler uma obra literária como esta implica em refletir sobre o todo ao redor, inclusive sobre o que não está na obra, o que transcende a obra pelo que ela provoca.

As personagens falam e são ouvidas. O leitor as ouve, as sente. Elas tomam conta da vida e dos sentimentos do leitor. Por um momento ou pelo resto da vida, a personagem possui a forma de pensamento do leitor. As (im) possibilidades afloram-se, a literatura torna-se um êxtase sagrado de amor e de ódio, de prazer e de nojo. Pode-se ver o rosto de várias mulheres, desconhecidas e vizinhas. Pode-se sentir o gosto de Vanicléia, tocá-la, estuprá-la até a morte, matá-la, vivê-la e revivê-la, por exemplo. Vanicléia agora mesmo está sendo assassinada outra vez e outras. Enquanto se discute sobre literatura e subalternidade, Vanicléia está sendo morta de novo. Para Spivak, não é possível falar em nome do subalterno, mas pode-se trabalhar afim de criar espaços nos quais os sujeitos subalternos possam se articular e fazerem-se ouvidos. Os cantos do livro Contos Negreiros são armas contra a opressão e contra a manutenção dos sujeitos subalternos, são instrumentos de luta contra o colonialismo que insiste em se perpetuar. Vanicléia é um grito ecoando forte quando se tenta negar o direito de gritar. O que Freire faz é problematizar a cultura popular através de suas personagens. Quando as personagens vão narrando o seu dia-a-dia, as suas sofrências e angústias, eles estão desenhando um retrato da sociedade brasileira. De acordo com Alfredo Bosi (1992) em *Dialética da Colonização*:

“Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus,

os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criargalinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento dotempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar...” (p. 324)

Marcelino Freire nos alerta de que o mundo está pegando fogo. E ainda orienta que a gente se jogue no fogo. A escrita deste cabra é toda nordestina. Tem sotaque e tem força sertaneja. Uma vez que se leia Marcelino Freire, pronto. Já era. É-se fisgado. Após a leitura das obras do autor não é possível que o leitor não seja outro, que não perceba melhor o mundo, que não olhe mais atentamente a rua. Contos Negreiros nos ajuda a repensar sobre o funcionamento dos sistemas nos quais vivemos. De acordo com Alfredo Bosi:

“É extremamente importante repensar o processo de formação de toda essa cultura que viveu e ainda vive sob o limiar da escrita. Certa vertente culta, ocidentalizante, de fundo colonizador, estigmatiza a cultura popular como fossil correspondente a estados de primitivismo, atraso, demora, subdesenvolvimento.”(1992, p. 323)

Foi um longo e árduo processo de construção desta pesquisa, tanto pelas leituras diversas que foram a base deste trabalho quanto pelos questionamentos que burilaram na mente de mais ‘rapaz latino americano sem dinheiro no banco’ mas muito rico de inquietação. Construir essa monografia foi como observar o mundo inteiro através de mim mesmo, uma reflexão intensa sobre a realidade que me constrói e que eu construo. Há um mundo inteiro mistificado por crenças e por imposições, por conceitos extremamente errôneos e equivocados e muita impunidade, mas há, também, um mundo de grandes e inexplicáveis possibilidades, inundado de descobertas e a necessidade de sair da bolha e pensar fora da caixa cresce de instante em instante. E é aí que está o boom da questão. Essas cavernas nas quais somos criados e medidos, estas caixas de pensamento e comportamento são como bonecas russas, há sempre uma após a outra e, então, carecemos de estar atentos sempre para não cair na armadilha de achar-se inteligente o suficiente ou pensante o suficiente. Evoluir nunca é de mais. O processo de evolução é contínuo, é preciso desconstruir os ódios, os medos, as dores, os traumas e as ansiedades e depressões. Todo dia é de dia de refletir sobre a vida que nos rodeia, sobre como pensamos e como agimos.

Como foi dito, a elaboração desta pesquisa foi dolorosa, mas há aqui uma espécie de masoquismo, pois, é uma dor e um ainda assim é um prazer. Na maioria dos momentos de criação desta pesquisa eu estava confrontando a mim mesmo quando

apontava o dedo para o mundo, para a sociedade. Ou seja, enquanto eu lia e elencava as problemáticas levantadas por Freire eu esbarrava em minhas próprias ideologias. E, transformando-as em mobília, eu fui mudando umas de lugar, consertando umas quebradas e de algumas me desfiz. Ainda lembro quando conheci o Marcelino Freire pessoalmente, meu coração estar dançando um forró pesado ou um funk pornográfico. Foi em agosto de 2012, na pré-balada literária que acontecia no Recife Antigo, mais precisamente no teatro Apolo. Antes disso só conhecia o Freire através de *Rassif*, um amigo poeta me emprestou o livro dizendo que eu iria adorar. Acertou em cheio o danado, aquele adorava cutucar a palavra com vara curta. Deus o tenha. Depois do primeiro livro, que eu devorei rapidamente, eu me apaixonei e aqui estamos. No teatro Apolo havia outros escritores e escritores e outros artistas prestigiando o autor. E quando eu falei com o Marcelino Freire parecia que eu havia encontrado uma estrela do rock brasileiro, um Raul ou um Cazusa. Guardo com carinho os livros autografados que recebi dele ao longo de alguns encontros durante todos esses anos de contato. Tive o prazer de participar de uma oficina de criação literária ministrada pelo Freire em outubro de 2012. A minha relação com a literatura dele é uma relação de fruição e de pesquisa.

Definitivamente, não sou e nem penso como a mesma pessoa que deu início a esta monografia, sou outro, sou vários. Mudei a cada linha, cada frase e cada parágrafo deste lindo projeto e sou mais do que grato, pois, tenho consciência de que melhorei. Não apenas como pesquisador e estudante de letras, mas como ser, como sujeito, como homem subjetivo e como homem coletivo. O período no qual esta pesquisa floresceu foi com certeza um marcador de tempo, um divisor de águas. Há um Diego antes e um depois. Foram meses de juízo aperriado, de inseguranças e de força de vontade. Salve Marcelino Freire! Salve a vida!

REFERÊNCIAS:

BARROS, Isabelle. **Coletivo Angu de Teatro estreia espetáculo Ossos, baseado em livro de Marcelino Freire.** Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2016/06/11/internas_viver,649723/coletivo-angu-de-teatro-estreia-espetaculo-ossos-baseado-em-livro-de.shtml/> Acesso em: 30 de abril de 2017.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras.** In: *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

CANDIDO, Antonio 1918 – **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária.** 11ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2010.

_____. **A Personagem de Ficção** – Debates por J. Guinsburg. 2ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo. (1968)

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>> Acessado em 22 de novembro de 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998. [1973].

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius - **Estudos subalternos: uma introdução in O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector.** Dourados, Mato Grosso do Sul. 2010.

FERNANDES, Florestan, 1920 — **Significado do protesto negro** / Florestan Fernandes. — São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1989. — (Coleção polêmicas do nosso tempo ; v. 33)

FREIRE, Marcelino, 1967 – **Contos Negreiros**. 4^a edição. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **BaléRalé**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro** / Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg. – Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. (Coleção 2 pontos: v.3)

Marcelino Freire fala sobre seu novo livro, 'Rasif'. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2008/09/29/marcelino-freire-fala-sobre-seu-novo-livro-rasif-129320.asp/>> 2008 Acessado em 22 de novembro de 2014.

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. 33^a edição. São Paulo: Cultrix, 2005.

OLIVEIRA, Dudu. **Análise de Texto Literário "Catar Feijão"**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1631117/>> Acesso em: 30 de abril de 2017.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Subalterno, periférico e marginal: os novos sujeitos da enunciação no cenário cultural brasileiro**. In **Literatura e voz subalterna: anais** / organizadoras, Júlia Almeida, Paula Siega. - Vitória: GM, 2013.

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e Personagem**. In CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. (Org) *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 9-51.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1712-1778. **O contrato social: princípios d direito político**/ Jean-jacques Rousseau; tradução de Edson Bini. – Bauru, SP: EDIPRO, 2. Ed., 2015. (EDIPO de bolso)

SANTANA, Paula. **MARCAS DO GROTESCO NO TEXTO LITERÁRIO DE WASHINGTON CUCURTO, ONDJAKI E MARCELINO FREIRE: Alegorias de uma Modernidade Periférica**. 2015. 290 f. Tese (Doutorado em sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura de memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARTRE, Jean Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1961. EDITÓRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. 1968.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942 – **Pode o subalterno falar?** / Gayatri Chakravorty Spivak; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRIGO, Luciano. **Marcelino Freire lança romance ‘autopornográfico’: ‘O lugar da minha escrita é o lugar do grito’** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/marcelino-freire-lanca-romance-autopornografico-o-lugar-da-minha-escrita-e-o-lugar-do-grito.html>> Acesso em: 30 de abril de 2017.